

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO  
Programa de Pós Graduação Lato Sensu  
Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação  
Campus Nilópolis

**Patrícia Pizzigatti Klein**

**SABERES E PRÁTICAS DOS EDUCADORES DE PROJETOS  
SOCIOCULTURAIS POPULARES**

NILÓPOLIS - RJ

2015

**Patrícia Pizzigatti Klein**

**SABERES E PRÁTICAS DOS EDUCADORES DE PROJETOS  
SOCIOCULTURAIS POPULARES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como parte dos requisitos necessários para a  
obtenção do título de especialista em  
Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ribeiro Gonçalves Brame

NILÓPOLIS - RJ

2015



## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Manoel e Roseli, irmãs, familiares e amigos.

Aos colegas e amigos que o LACE me proporcionou, especialmente à Luz, Lívia e Léo, que muito além das cervejas nas quintas-feiras, são amigos para a vida toda.

À todos os professores que tive durante o curso. Em especial ao coordenador, Tiago Monteiro, que nos deu força, estímulo e entusiasmo para não desistir do nosso trabalho em momentos difíceis, além das suas contribuições na minha banca de defesa. À Cláudia Teixeira, por todo conhecimento compartilhado e as observações que enriquecerão neste trabalho. E ao meu orientador, Fernando Brame, pelas suas valiosas contribuições, a sua disponibilidade e paciência.

*“Não há um ideal de beleza, mas o ideal de uma verdade pungente e sofrida que é a minha vida, é tua vida, é nossa vida, nesse caminhar no mundo”.*

*Iberê Camargo*

## RESUMO

KLEIN, Patrícia Pizzigatti. **Saberes e práticas dos educadores de projetos socioculturais populares**. Trabalho de Conclusão de Curso – Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Campus Nilópolis. Nilópolis, RJ, 2015.

Este trabalho discute o papel desempenhado pela educação não formal e pelos educadores atuantes em “projetos socioculturais” relacionados à arte e à cultura em territórios populares e periféricos com o objetivo de investigar os saberes dos educadores e conhecer como estes sujeitos reconhecem as suas práticas, quais são os conhecimentos que utilizam, quais são os seus prazeres e motivações como educadores e como se dá o saber-fazer e o relacionar-se com os outros sujeitos. Apresento uma discussão bibliográfica no âmbito do 3º setor, educação não formal e projetos sociais bem como investigo o atual cenário e se faz um levantamento de instituições e projetos públicos e privados atuantes no Rio de Janeiro. Discuto saberes, formas, processos e metodologias de trabalho da área. A partir de entrevistas com profissionais em exercício, são apresentadas análises e reflexões sobre os saberes e práticas educativas utilizados para o desenvolvimento dos seus trabalhos com crianças, adolescentes, jovens e adultos a fim de apontar nas suas experiências e trajetórias de vida e profissionais questionamentos, constâncias e divergências sobre o trabalho de atuação dos educadores em projetos sociais e culturais populares.

**Palavras chave:** Educação não formal; projetos socioculturais; 3º setor; Rio de Janeiro.

## ABSTRACT

KLEIN, Patricia Pizzigatti. **Knowledge and practices of popular cultural projects educators**. Monografia – Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Nilópolis, RJ, 2015.

This paper discusses the role played by non-formal education and by active educators in "cultural projects" related to art and culture in popular territories and peripherals in order to investigate the knowledge of educators and know how they recognize their practices, which are the knowledge they use, what their motivations and pleasures as educators and how is the know-how and to relate to the others. Present a literature discussion in the 3rd sector, non-formal education and social projects as well as investigate the current situation and makes a survey of institutions and public and private projects operating in Rio de Janeiro. Discuss knowledge, forms, processes and working methods of the area. From interviews with practicing professionals, analysis and reflection on the knowledge and educational practices used in the development of its work with children are presented, adolescents, youth and adults to point in your experiences and life trajectories and professional questions, certainties and disagreements over the role of educators work on popular social and cultural projects.

**Keywords:** non-formal education; social and cultural projects; 3rd sector; Rio de Janeiro.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 APRESENTAÇÕES E INVESTIGAÇÕES NO CAMPO DE PROJETOS SOCIOCULTURAIS NO RIO DE JANEIRO .....</b>	<b>13</b>
2.1 ORGANIZAÇÕES DO 3º SETOR ATUANTES NO RIO DE JANEIRO: ONGs, OSS, E OSCIPs ..	16
Avenida Brasil – Instituto de Criatividade Social .....	17
AfroReggae .....	17
Casa da Arte de Educar .....	17
Central Única de Favelas – CUFA .....	18
Observatório de Favelas .....	18
Redes de Desenvolvimento da Maré .....	18
Viva Rio .....	18
2.2 PROJETOS DE RELEVÂNCIA REALIZADOS POR ORGANIZAÇÕES DO 3º SETOR .....	19
Agência de Redes para a Juventude .....	19
Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC) .....	19
2.3 PROJETOS DE RELEVÂNCIA REALIZADO PELO GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	20
Todos pela Paz .....	21
Rio+Social .....	21
Caminho Melhor Jovem .....	21
<b>3 CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL .....</b>	<b>22</b>
3.1 O EDUCADOR DE PROJETOS SOCIOCULTURAIS .....	25
<b>4 CONVERSAS SOBRE SABERES E PRÁTICAS COM OS EDUCADORES .....</b>	<b>28</b>
4.1 OS EDUCADORES .....	29
4.2 OS SEUS SABERES .....	33
4.3 AS SUAS PRÁTICAS .....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE 1: ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE 2: ENTREVISTAS .....</b>	<b>44</b>



## 1 INTRODUÇÃO

É inquestionável que a escola e/ou a educação formal não seja a única maneira de ensino e aprendizagem de crianças, jovens e adultos. Família, jornal, amigos, igreja, televisão, internet, associações, museus e centros culturais, aulas livres de linguagens artísticas e, também, “os projetos”. Já está no senso comum que todos esses espaços de socialização podem vir a ter a sua contribuição na formação dos diversos sujeitos envolvidos.

Este trabalho busca discutir sobre e com alguns desses espaços, em especial os projetos relacionados à arte e à cultura em territórios populares e periféricos, qual o papel desempenhado pela “educação não formal” e pelos “educadores”, profissionais de áreas correlacionadas à educação que exerçam algum papel de mediação com o participante/atendido do projeto e o saber/conhecimento nele envolvido.

O trabalho do educador social e cultural envolve ao mesmo tempo questões e práticas políticas, técnicas, metodológicas, didáticas, artísticas e tantas outras. O que ele deve privilegiar? Quais os saberes e metodologias empregadas? De que forma o participante se apropria do projeto e se sente pertencente ao mesmo? Qual o seu papel de fazer escolhas pela sua posição e poder “privilegiados” frente aos outros envolvidos? De que lugar ele fala? De que maneira realizam-se projetos socioculturais de uma forma não fabril, instrumental, determinista e tecnicista e sem se limitar aos interesses mercadológicos?

Sendo estas práticas educativas e metodológicas diversas, o que proporcionam uma multiplicidade de projetos com diferentes abordagens? Deseja-se investigar os saberes dos educadores empregados nos projetos socioculturais, buscando assim conhecer como estes sujeitos reconhecem as suas práticas, quais são os conhecimentos que utilizam, quais são os seus prazeres e motivações como educadores e como se dá o saber-fazer e o relacionar-se com os outros sujeitos.

“Projetos socioculturais populares” são termos já bastante conhecidos no campo social e cultural, que devem, contudo, ser categorizados para que possamos delimitar de quais deles estamos falando. Seriam delineações de organizações que desenvolvem atividades relacionadas ao social, arte e cultura para públicos de crianças, adolescentes, jovens e adultos moradores de espaços populares, como periferias e favelas.

É demasiado abrangente e diversificado o universo de crianças, adolescentes e jovens. O Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>1</sup> (Lei 8.069/1990) estabelece a proteção integral à criança, pessoa até 12 anos, e ao adolescente, de 12 a 18 anos. No mesmo sentido, a juventude

---

<sup>1</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)

na verdade são as juventudes. E mesmo que a simples delimitação cronológica da lei brasileira, de 18 a 29 anos, não represente todas as especificidades da juventude, ela se faz importante para apontar marcos e alcances de direitos e recortes orçamentários. A garantia de tais direitos, todavia, não é simétrica à todas as juventudes. Ela diverge, principalmente, quanto ao perfil socioeconômico e identitário das juventudes, e com isso produz oportunidades diferentes e também limitadas para algumas juventudes. Dos 11 direitos apresentados no Estatuto da Juventude<sup>2</sup>, vemos que todos são infligidos para o jovem das favelas que pode até usufruir deles, mas de uma forma limitada e reduzida da juventude de outros territórios. Ele não é tratado em igualdade a outros jovens, a sua expressão, lazer, cultura e mobilidades são controlados pela polícia; acesso à saúde e educação são precários. Segundo pesquisa<sup>3</sup> realizada pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), em parceria com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), os jovens moradores de favelas com Unidades de Polícia Pacificadoras – UPPs - citam principalmente os problemas relacionados à violência com a polícia e a proibição dos bailes funks.

A realização de projetos sociais e culturais tem crescido ao longo dos últimos anos. A partir da década de 80 percebe-se o aumento quantitativo e também qualitativo dos projetos socioculturais, tanto pelo crescimento das políticas públicas, quanto pelo investimento de empresas privadas em projetos políticos e culturais que veiculam o seu nome a estes projetos, com os quais buscam visibilidade (estratégias de marketing) e também comprometimentos sociais que as empresas devem e buscam ter. Embora não se tenha em vigor a “Lei de Responsabilidade Social” em nível federal, alguns municípios já possuem leis próprias. Além disso, desde 1988, a Constituição Federal afirma no artigo 170 a função social da propriedade nos princípios gerais da atividade econômica<sup>4</sup>. Existem também iniciativas do próprio empresariado como o GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, fundado em 1995 -

---

<sup>2</sup> A Lei nº 12.852 afirma os seguintes direitos: à diversidade e à igualdade; ao desporto e ao lazer; à comunicação e à liberdade de expressão; à cultura; ao território e à mobilidade; à segurança pública e ao acesso à justiça; à cidadania, à participação social e política e à representação juvenil; à profissionalização, ao trabalho e à renda; à saúde; à educação; à sustentabilidade e ao meio ambiente.

<sup>3</sup> O GLOBO. Para jovens de favelas com UPP, pobreza é o maior inimigo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/para-jovens-de-favelas-com-upp-pobreza-o-maior-inimigo-3298717#ixzz3OEqrFju0>>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

<sup>4</sup>Art. 170. A ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social, observados os seguintes princípios: I - soberania nacional; II - propriedade privada; III - função social da propriedade; IV - livre concorrência; V - defesa do consumidor; VI - defesa do meio ambiente, inclusive mediante tratamento diferenciado conforme o impacto ambiental dos produtos e serviços e de seus processos de elaboração e prestação; VII - redução das desigualdades regionais e sociais; VIII - busca do pleno emprego; IX - tratamento favorecido para as empresas de pequeno porte constituídas sob as leis brasileiras e que tenham sua sede e administração no País. Parágrafo único. É assegurado a todos o livre exercício de qualquer atividade econômica, independentemente de autorização de órgãos públicos, salvo nos casos previstos em lei.

que possui a missão de “aperfeiçoar e difundir conceitos e práticas do uso de recursos privados para o desenvolvimento do bem comum”<sup>5</sup> e o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), criada em 1998 por um grupo de empresários com a missão de “mobilizar, sensibilizar e ajudar as empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsável, tornando-as parceiras na construção de uma sociedade justa e sustentável”<sup>6</sup>.

Nesse sentido, por estas questões, acreditamos que a pertinência da pesquisa se justifica pelo crescimento da oferta dos projetos e a necessidade de conhecê-los, investigando a atuação dos educadores com os participantes e os seus saberes a fim de aprofundar conhecimentos sobre este campo profissional que se amplia nos últimos anos.

Os questionamentos e interesse neste tema de pesquisa surgiram ainda durante a minha graduação em Publicidade e Propaganda, em 2007, quando participei de uma ONG de universitários que trabalhavam com projetos de geração de renda em comunidades no Piauí. Depois disso, e como estudante de Pedagogia, estagiei na ONG Casa de Apoio a Criança com Câncer de Santa Teresa e trabalhei como produtora e educadora cultural no SESC Madureira, ambos no Rio de Janeiro. Desde então eu busco estudar o campo e a troca com profissionais da área.

O objetivo da pesquisa é, por meio de falas de profissionais de alguns projetos, conhecer os saberes e práticas educativas utilizados para o desenvolvimento dos seus trabalhos com crianças, adolescentes e jovens a fim de apontar nas suas trajetórias de vida e profissionais reflexões e questionamentos sobre o trabalho do educador em projetos. Para isso, buscamos também conhecer as circunstâncias e as realidades envolvidas no cenário de implantação e realização de projetos socioculturais no Rio de Janeiro, bem como trazer as discussões sobre educação não formal e os educadores sociais.

No segundo capítulo, “Apresentações e investigações no campo de projetos socioculturais no Rio de Janeiro”, faço um resgate de projetos realizados por Organizações Não Governamentais (ONGs), Organizações Sociais (OSs), Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs) e também realizados pelo governo como políticas públicas. Em “Contribuições da educação não formal”, o terceiro capítulo, trago a discussão da educação não formal com Gohn (2010, 2011), Libâneo (1999) e outros e as reflexões sobre o educador de

---

<sup>5</sup> GIFE. Missão e objetivos. Disponível em: <[http://www.gife.org.br/ogife\\_missao\\_objetivos.as](http://www.gife.org.br/ogife_missao_objetivos.as)>. Acesso em: 04 de março de 2015.

<sup>6</sup> INSTITUTO ETHOS. Sobre o Instituto. Disponível em: <<http://www3.ethos.org.br/conteudo/sobre-o-instituto/#.VPaB9PnF800>>. Acesso em: 04 de março de 2015.

projetos socioculturais, trazendo questões específicas sobre o educador de projetos socioculturais também conhecido como educador social e, por fim, em “Conversas sobre saberes e práticas com os educadores”, o quarto capítulo, apresenta-se resultados de sete entrevistas realizadas com educadores atuantes ou que já trabalharam em projetos e/ou instituições como: Agência Redes para a Juventude, AfroReggae, BemTV, Casa da Arte de Educar, Centro de Promoção da Saúde – CEDAPS, Central Única de Favelas – CUFA, Caminho Melhor Jovem, Comitê para a Democratização da Informática - CDI, Galpão Aplauso Rio, Instituto de Arte Tear, Redes de Desenvolvimento da Maré e Se essa rua fosse minha.

## **2 APRESENTAÇÕES E INVESTIGAÇÕES NO CAMPO DE PROJETOS SOCIOCULTURAIS NO RIO DE JANEIRO**

O direito à cultura, à expressão, ao respeito e às identidades culturais para todos está descrito na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (UNESCO, 2002). No entanto, por muito tempo, a favela e os subúrbios careceram de diversos serviços públicos e estes direitos não foram assegurados aos moradores. Apesar da riqueza em patrimônio imaterial dos espaços populares (do samba, funk, criatividade, carnaval, dança), esses territórios ainda hoje carecem de espaços e equipamentos culturais, muitas vezes onde projetos socioeducativos e culturais cobrem lacunas.

No atual cenário das favelas do Rio de Janeiro, pode-se mencionar o programa Rio+Social que integra diversos serviços municipais e parcerias privadas voltados às políticas socioculturais com o objetivo de equiparar a oferta de serviços e equipamentos sociais públicos nas favelas pacificadas a outras áreas da cidade. Embora a oferta não aconteça de forma equilibrada ou com equidade, há um querer, lutas e disputas de moradores, militantes, acadêmicos e políticos para pressionar o setor público em valorizar e investir no território da favela como espaço e lugar de direitos igualitários, produção de cultura e diversidade.

A Autarquia Instituto Pereira Passos (IPP) coordena e realiza a gestão de diferentes projetos municipais além de conduzir as parcerias de outros projetos que são realizados nas favelas pacificadas, realizados por ONGs, OSCIPs e empresas privadas para públicos diversos. Alguns deles têm a sua atuação voltada para a juventude, como Coletivo Coca-Cola, as Audições nas comunidades pacificadas – Universidade Livre do Circo, Cinema da Gente, Agência de Redes para a Juventude. Estes três projetos, com as suas diferentes particularidades, dedicam-se à atuação com jovens dos 15 aos 29 anos. Além disso, ambos têm na sua metodologia a educação não formal, e pela sua breve descrição no site identifica-se o foco no desenvolvimento artístico e cultural (Universidade Livre do Circo, Cinema da Gente), protagonismo, produção e criação (Agência de Redes para a Juventude) e/ou preparação para o mercado de trabalho (Coletivo Coca-Cola). Destaca-se também o fundo empresarial dos mesmos, sejam mantidos por patrocínios e/ou também executados por fundações das empresas.

A década de 90 marcou a inserção do setor empresarial em projetos sociais e culturais. Tal investimento privado de empresas em projetos remete à responsabilidade social empresarial, definida pelo Instituto Ethos (2013) como

a forma de gestão que se define pela relação ética e transparente da empresa com todos os públicos com os quais ela se relaciona e pelo estabelecimento de metas

empresariais compatíveis com o desenvolvimento sustentável da sociedade, preservando recursos ambientais e culturais para as gerações futuras, respeitando a diversidade e promovendo a redução das desigualdades sociais. (INSTITUTO ETHOS, 2013)

As corporações, dessa forma, cumprem o papel de empresa socialmente responsável ao desenvolverem, por meio da cultura, ações sociais. Contribuem para “a percepção de marca comprometida com a comunidade e com os consumidores” (BRANT, 2001, p. 24).

Ao dialogar com as partes interessadas, *stakeholders*,<sup>7</sup> o empresariado busca fortalecer e qualificar a sua marca a fim de ter visibilidade e posicionamento como empresa socialmente responsável e “do bem”. De forma dualista, os títulos “do bem”, “empresa amiga”, “empresa cidadã” e outros são convenções midiáticas e massivas que buscam agregar valor às empresas que apoiam e patrocinam projetos sociais, entre outras práticas<sup>8</sup>. Para tanto, prêmios e selos empresariais são disputados e concedidos entre as instituições, as quais realizam projetos por meio de suas fundações ou por ONGs que são patrocinadas e apoiadas por essas empresas.

A população, de uma forma geral, aspira pela realização de projetos sociais, como ressalta Burgos:

os projetos sociais, especialmente nos territórios segregados, são chancelados por uma sociedade que reconhece a incompletude do trabalho da escola e da família, e que delega a atores da sociedade civil dos mais variados matizes um importante trabalho de formação social. (BURGOS, 2009, p. 60)

Dentre esses atores, foram as ONGs que assumiram o pioneirismo nas favelas e periferias por estarem “mais próximas aos “pobres” do que muitas outras instituições, na medida em que suas sedes ou filiais funcionam na própria favela” (VALLADARES, 2005, 160).

Segundo Sovik,

No Rio de Janeiro, os projetos surgem com força nos anos 1990, quando, com o processo de democratização governamental já instalado, a violência policial contra a população pobre entra em pauta. Essa violência, cujas estatísticas continuam chamando a atenção, tem como alvo principal a população de jovens negros de bairros pobres das grandes cidades. (SOVIK, 2014, p. 2).

Tais projetos têm formas de atuação diferenciadas que são específicas de cada um deles. Os projetos educativos podem se dar por meio de uma pluralidade de formatos e metodologias, no ensino e capacitação de assuntos específicos, como: informática, reforço escolar, linguagens artísticas (teatro, música, circo, artes visuais e plásticas, fotografia e outras) ou utilizando-se

---

<sup>7</sup>“As partes interessadas ou *stakeholders* são aquelas afetadas pelas decisões e atividades da empresa, como fornecedores, clientes, comunidade, governos, entre outras. Por conta dessa condição passam a influenciar a gestão da empresa, tendo suas opiniões e interesses reconhecidos, por meio de processos de engajamento”. (INSTITUTO ETHOS, 2013)

<sup>8</sup>Além da realização de projetos sociais, as boas práticas empresariais, também denominada de governança corporativa, envolvem a sustentabilidade, responsabilidades socioambientais, legais e econômicas.

destas linguagens como ferramentas para o trabalho com valores sociais, protagonismo, inserção no mercado de trabalho, expressão e etc. Na maioria dos casos, são mantidos com dinheiro público através das leis de incentivo à cultura, como o abatimento do imposto de renda pela Lei Rouanet<sup>9</sup> (nº 8.313/91). Estes projetos realizam relatórios sobre os resultados obtidos, objetivos qualitativos e quantitativos alcançados, possuindo formas específicas para mensurar (e às vezes até maquiar) os resultados.

Nos objetivos pretendidos, é comum que alguns projetos prometam questões intangíveis, que vão além do alcance empresarial, como a “transformação das desigualdades vigentes”. Tal “jargão” da área de projetos, até pode ser uma utopia pessoal e ou/empresarial, porém, na maioria dos casos, somente buscam uma construção narrativa discursivamente emotiva para conquistar patrocinadores e ser vinculado em estratégias de marketing.

Dentre os objetivos mais plausíveis, o trabalho com arte e cultura pode vir a proporcionar a construção de novas representações. Sendo assim, determinados projetos ou coletivos culturais, agem como “novos mediadores” (ANSEL & SILVA, 2012) em que, por meio da arte e cultura, atuam com jovens na construção de representações e autorepresentações, construção de narrativas, autoestima e empoderamento de suas realidades, valores e consciência crítica.

Os projetos socioculturais constroem outras representações dos jovens através da própria fala de seus sujeitos envolvidos, da produção de filmes, música, audiovisual, de oficinas e atividades culturais. Tais agentes ou mediadores seriam forças sociais que contribuem para a produção de uma reversão de estigmas, na medida em que se fortalecem tais grupos excluídos e organizam a construção de novas representações. Rocha (2011) afirma que os projetos apresentam-se como:

Espaços privilegiados de ação coletiva para jovens moradores de favelas que buscam não apenas dar visibilidade ao seu trabalho artístico, mas também que se interessam em intervir sobre o território onde moram através da divulgação de uma imagem positiva de seus moradores. (ROCHA, 2011, p. 10).

Novaes (2006) menciona a sociabilidade e a inclusão:

Os projetos sociais tornaram-se pontes para um determinado tipo de inclusão social de jovens moradores de certas áreas marcadas pela pobreza e pela violência das cidades. Com eles, uma parcela dos jovens pode inventar novas maneiras de sociabilidade e integração societária que resultem em determinadas modalidades de inclusão. (NOVAES, 2006, p. 113).

---

<sup>9</sup>“A Lei Rouanet (Lei 8.313/1991), promulgada durante a gestão do ministro Sérgio Paulo Rouanet, instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC), cuja finalidade é a captação e canalização de recursos para os diversos setores culturais”, mais informações em: <http://www.cultura.gov.br/projetos-incentivados1>

No entanto, não são contribuições tão espontâneas e rápidas, são disputas que se dão pela construção de novos discursos, mas que, por outro lado, também podem repetir velhos enquadramentos ao seguirem estratégias de filiação à “gramática da violência” (MACHADO DA SILVA, 2010) e ao “mercado dos projetos sociais”, assim caindo mais uma vez “no processo de estigmatização e criminalização dos jovens favelados” (ROCHA, 2011, p. 22). Ao mesmo tempo em que apresentam uma juventude criativa e produtiva culturalmente, ambos os discursos podem existir simultaneamente.

O referido “mercado dos projetos sociais”, constituído inicialmente pelas ONGs e hoje financiado pelo Estado com parcerias com ONGs se amplia mais atualmente com as OSs e OSCIPs ou ainda com pessoas físicas e privadas por meio de editais de financiamento público. Ao se referir às características centrais na “modelagem” de inúmeros projetos socioculturais, Tommasi (2014) apresenta que há uma importação de ações como “protagonismo juvenil”, “capacidade criativa” e o “empreendedorismo”. Particularidades que remetem ao atual cenário do investimento econômico de privatizações nas favelas.

## 2.1 Organizações do 3º Setor atuantes no Rio de Janeiro: ONGs, OSs, e OSCIPs

Denomina-se terceiro setor o campo de atuação que coexiste com as instituições estatais (primeiro setor) e privadas (segundo setor). Trata-se da área de atuação pública mas não estatal formada pela iniciativa privada, voluntários e sem fins lucrativos para o “bem comum”, a qual costuma ser composta por organizações não governamentais, associações comunitárias, entidades assistenciais e filantrópicas, fundações e institutos empresariais sem fins lucrativos (GESET, 2001).

Segundo Cunha Filho, a Lei nº 9.637/1998 reconhece as Organizações Sociais (OSs) como

peças jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, cujas atividades sejam dirigidas ao ensino, à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico, à proteção e preservação do meio ambiente, à cultura e à saúde. (CUNHA FILHO, 2014, p. 12).

Já a Lei 9.790/1999, além de trazer inovações ao terceiro setor, como o reconhecimento de novas áreas de atuação social e a possibilidade de remuneração dos dirigentes, caracteriza as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs)-como:

peças jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, que observem o princípio da universalização dos serviços e atuem em pelo menos um dos seguintes campos: assistência social, cultura, educação, saúde, alimentação, meio ambiente, voluntariado, combate à pobreza, desenvolvimento econômico, social e democrático, assessoria jurídica popular, tecnologias alternativas e experimentação, não lucrativa,



de novos modelos socioprodutivos e de sistemas alternativos de produção, comércio, emprego e crédito.

Exceções: organizações laborais, religiosas, partidárias, de benefício mútuo e restrito aos sócios, que desenvolvam atividades não gratuitas, OS, cooperativas, fundações públicas, entidades de direito civil criadas pelo poder público e organizações creditícias. (CUNHA FILHO, 2014, p. 12).

Pareceu interessante conhecer o perfil de algumas instituições das categorias acima, que possuem alguma representatividade e destaque no Rio e para as discussões neste trabalho, seja pelo pioneirismo de algumas ou como a atual relevância em projetos. Há também o caso da “Casa da Arte de Educar”, a qual conhecemos no momento de seleção de entrevistados.

As informações institucionais foram coletadas em seus sites e/ou cadastros na internet. Destacam-se:

### ***Avenida Brasil – Instituto de Criatividade Social***

É uma OSCIP fundada em 2006 na criação de expressões estéticas e econômicas da periferia da cidade a partir de atividade culturais: teatro, música e audiovisual para a infância e juventude que buscam formar “novas narrativas” e a criação de metodologias relacionadas à arte-educação. São de sua autoria e desenvolvimento projetos como “Escola Livre de Teatro” (Zona Oeste do Rio) e “Escola Livre de Cinema” no município de Nova Iguaçu (Baixada Fluminense), “Coletores de Imagens” e, desde 2011, o “Agência de Redes para a Juventude”, será apresentado a seguir.

### ***AfroReggae***

O AfroReggae é uma ONG fundada em 1993, que surge com um projeto de jornal para debater ideias e problemas de negros e pobres<sup>10</sup>. No mesmo ano, após a Chacina de Vigário Geral, o projeto inicia uma fase de “desenvolvimento de oficinas de percussão, capoeira, reciclagem de lixo e dança afro para os moradores dali, trazendo uma perspectiva de mudança e esperança para os mesmos”<sup>11</sup>. No momento da redação deste trabalho, o Grupo comemora 21 anos e as suas ações se desdobram para além das oficinas, com a formação de grupos artísticos, programas de televisão, ações internacionais e um selo social.

### ***Casa da Arte de Educar***

A sua origem é de 1999 e desde então presta serviços e projetos nas áreas de Educação e Cultura para empresas e órgãos governamentais com crianças, jovens e adultos. Criou uma forma de trabalho chamada “Mandala de Saberes”, uma forma de trabalho/metodologia que tem

---

<sup>10</sup><http://www.afroreggae.org/>. Acesso em 10 de dez. de 2014.

<sup>11</sup><https://m.facebook.com/afroreggaeoficial?v=info&expand=1>. Acesso em 04 de dezembro de 2014.

o objetivo de “ampliar o diálogo entre as práticas escolares e as não escolares”<sup>12</sup> com o objetivo de promover conhecimentos escolares e a integração com a sociedade.

### ***Central Única de Favelas – CUFA***

A CUFA foi fundada em 1993 com a integração de jovens de diversas favelas do Rio de Janeiro que buscavam um espaço comum para socialização e expressão cultural, e desde 1999, a sua sede funciona como um polo de produção cultural. Destaca-se pela atuação com o basquete, rap e hip-hop, sendo este “a principal forma de expressão da CUFA e serve como ferramenta de integração e inclusão social”<sup>13</sup>. Hoje atua por meio de políticas e projetos sociais, esportivos e culturais, tendo sede em todas as capitais brasileiras e grandes parcerias e contratos comerciais.

### ***Observatório de Favelas***

Já o “Observatório de Favelas”, criado em 2001, é uma OSCIP que nasce como uma instituição de “pesquisa e formação, inicialmente na perspectiva de produzir conhecimentos que permitissem um novo olhar sobre as favelas e outros espaços populares” e atualmente tem uma grande representação no desenvolvimento de projetos relacionados a “políticas Urbanas; Educação; Comunicação; Artes e Território; e Direito à Vida e Segurança Pública”<sup>14</sup>. Dentre eles, destacamos a Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC) que forma em cursos livres comunicadores populares criativos em cursos livres audiovisual e criação digital.

### ***Redes de Desenvolvimento da Maré***

Esta ONG foi fundada em 2007 a partir da cisão de uma outra ONG fundada em 1997, a Ceasm. Formada originalmente por moradores da favela, o desenvolvimento territorial é a principal constante nos projetos desenvolvidos nas articulações das áreas e temáticas da “educação; arte e cultura; mobilização social; segurança pública; desenvolvimento local; comunicação; combate a violência, em suas diversas manifestações e geração de trabalho e renda”<sup>15</sup>.

### ***Viva Rio***

Fundado em 1993 no cenário de grande insegurança no Rio de Janeiro, o seu objetivo é “promover a cultura de paz e viabilizar e o desenvolvimento social”<sup>16</sup>. Nessas duas décadas,

---

<sup>12</sup> <http://artedeeducar.org.br/casa-das-artes/> . Acesso em 10 de março de 2015.

<sup>13</sup> [https://www.facebook.com/cufabr/info?tab=page\\_info](https://www.facebook.com/cufabr/info?tab=page_info). Acesso em 10 de março de 2015.

<sup>14</sup> <http://observatoriodefavelas.org.br/nossa-historia/>. Acesso em 04 de dezembro de 2015.

<sup>15</sup> [http://redesdamare.org.br/?page\\_id=2429](http://redesdamare.org.br/?page_id=2429). Acesso em 04 de dezembro de 2015.

<sup>16</sup> [https://www.facebook.com/ongvivario/info?tab=page\\_info](https://www.facebook.com/ongvivario/info?tab=page_info). Acesso em 10 de março de 2015.

desenvolveu e consolidou atividades e projetos que se tornaram políticas públicas reproduzidas pelo Estado, por empresas, mercado e outras organizações.

## 2.2 Projetos de relevância realizados por organizações do 3º Setor

### ***Agência de Redes para a Juventude***

O projeto “Agência de Redes para a Juventude”, realizado pela ONG Avenida Brasil e patrocinado pela Petrobras, está atualmente em onze favelas do Rio<sup>17</sup>. O projeto foi executado pela primeira vez em 2011 em seis favelas com o programa Rio+Social (na época UPP Social) É autointitulado criador de uma metodologia inovadora, que proporciona ao jovem participante um ciclo de motivações para criar projetos de ações socioculturais de intervenção em seus próprios territórios. Com o mote “O jovem da favela como criador de ideias que transformam a vida e o território”, ele traz a perspectiva da potência e criatividade para o jovem, que não deveria ser visto simplesmente como “sujeito em vulnerabilidade que precisa ser atendido por projetos sociais”.<sup>18</sup>

### ***Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC)***

É um projeto coordenado pelo Observatório de Favelas, em parceria com a UFRJ e patrocínio da Petrobras. Ele oferece a jovens e adultos moradores de espaços populares uma formação crítica com o curso “Publicidade Afirmativa” nas habilitações de audiovisual e cultura digital. Três grandes questionamentos permeiam os cursos: “1. Os espaços populares podem construir sua própria representação sociocultural? Podem desafiar a representação dominante, que relaciona esses espaços à violência, carência e precariedade? 2. A periferia pode identificar e resolver seus próprios desafios de comunicação, tornando-se protagonista e não apenas “beneficiária” destes processos? 3. Essas experiências podem ser sustentáveis? É possível e desejável viver de comunicação cidadã e popular? Como o trabalho em rede pode colaborar com isso?”<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> <http://agenciarj.org/>. Acesso em 04 de dezembro de 2015.

<sup>18</sup> <http://sniic.cultura.gov.br/index.php/usuarioInternetAction/responsavelInternetView/39925/39083>. Acesso em 04 de dezembro de 2015.

<sup>19</sup> ESPOCC. Disponível em: < <http://www.espocc.org.br/a-espocc/perguntas-fundantes/> > . Acesso em 22 de março de 2015.

### 2.3 Projetos de relevância realizado pelo governo do Estado do Rio de Janeiro

Ao longo de décadas, para chegar à formulação de políticas públicas específicas para as favelas, existiram períodos de ausência ou de movimentos, ações, políticas e programas que os retratassem como problemas a serem solucionados por meio de ações repressivas e disciplinadoras.

As políticas públicas dirigidas ao que foi estabelecido como o “problema favela” eram “inicialmente formuladas visando a solucioná-lo, mais tarde menos ambiciosas, implicando não tentativas de solução definitiva, mas simples formas de controle, redução e regulação dos conflitos” (MACHADO DA SILVA, 2002, p. 225). Eram voltadas ao seu combate e erradicação, como realizadas pelas remoções higienistas do início do século XX e posteriormente na “era remocionista”, entre décadas de 60 e 70 (BRUM, 2013). É só então, que a partir de 1980 se vai “cedendo lugar a uma ação mais positiva do Estado nas favelas, no sentido de urbanizá-las, dotá-las de infraestrutura e de serviços públicos”. (PANDOLFI; GRZYNSZPAN, 2002, p. 239).

É então que na década de 1980 se tem iniciativas com outras abordagens, movimentos que se dão com a redemocratização do país, a afirmação de direitos com a Constituição Federal de 1988, as iniciativas das igrejas e das Organização Não Governamentais – ONGs e o investimento privado. Mais atualmente, principalmente a partir dos primeiros anos do século XXI, destacam-se novos marcos especiais às favelas e às juventudes, tais como secretarias especiais, programas, comitês, fóruns, movimentos organizados da sociedade civil e também a inserção ainda mais sedimentada do investimento privado, quadro que se forma principalmente a partir da década de 90 com o “processo de retração estatal e concomitante privatização das políticas sociais no Brasil e na América Latina” e ainda sendo subsidiado com recursos públicos, fato que afirma que na “concepção neoliberal de política social, o bem-estar social pertence ao âmbito privado” (SOARES, 2001, p. 181).

A partir desse momento, entre as décadas de 1980 e 1990, a favela começa a receber iniciativas do 3º setor que ocupam um papel antes ausente na oferta de projetos sociais e socioculturais. Duas décadas depois, o Estado também passa a oferecer projetos em que ele é o mantenedor em parcerias com Organizações Não Governamentais (ONGs), Organizações Sociais (OSs), e Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs). Descrevemos a seguir algumas iniciativas:

### ***Todos pela Paz***

O programa foi iniciado em 2000 pelo então governador do Estado do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho (1999-2002). Era multissetorial, realizado pela Secretaria de Estado Desenvolvimento Comunitário, Secretaria de Estado de Educação e Secretaria de Estado de Segurança Pública. Consistia em três ações: “Jovens pela Paz”, “Escola da Paz” e “Polícia da Paz”. Jovens pela Paz consistia na seleção de 10 mil jovens entre 16 e 24 anos de áreas carentes, que teriam tarefas no apoio à segurança recendo um salário mínimo por quatro horas de trabalho.

### ***Rio+Social***

Como já mencionado, este programa multidisciplinar é coordenado pelo Instituto Pereira Passos (IPP) em parceria com o ONU-Habitat – o Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos - para a promoção da ampliação da qualidade de vida aos moradores de territórios pacificados. Até 2014 era denominado de UPP Social. Os seus três eixos de trabalho são: “o da informação – com levantamentos que geram um retrato e um panorama de cada território; o básico – de prestação de serviços públicos; e o do desenvolvimento econômico – com formação, consultoria e auxílio em legalização para empreendedores locais visando à geração de renda e emprego nas comunidades”<sup>20</sup>.

### ***Caminho Melhor Jovem***

O Programa Inclusão Social e Oportunidades para Jovens no Rio de Janeiro – “Caminho Melhor Jovem” - é uma política pública em realização desde agosto de 2013, inicialmente gerida pela Secretária de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH) e em 2015 pela Secretaria de Estado de Esporte, Lazer e Juventude (SEELJE), do Governo do Estado do Rio de Janeiro. É financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) com um empréstimo de \$60 milhões<sup>21</sup>. O Programa está atualmente em realização em várias favelas: Manguinhos, Borel, Formiga, Cidade de Deus, Complexo do Alemão, Jacarezinho, Complexo da Maré e Complexo da Penha.

---

<sup>20</sup> <http://www.riomaisocial.org/programa/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2015.

<sup>21</sup> [http://www.juventude.gov.br/noticias/ultimas\\_noticias/2013/02/21-02-2013-governo-do-rj-e-bid-assinam-acordo-de-programa-de-inclusao-social-de-jovens-de-comunidades-pacificadas](http://www.juventude.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2013/02/21-02-2013-governo-do-rj-e-bid-assinam-acordo-de-programa-de-inclusao-social-de-jovens-de-comunidades-pacificadas). Acesso em: 04 de dezembro de 2014.

### 3 CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Segundo Libâneo (2009) é possível considerar a educação em duas modalidades: a educação intencional e a não intencional. A última é também denominada de informal ou educação paralela que compreende todos os processos de relação do indivíduo com o meio sociocultural, como a família, meios de comunicação, brincadeiras, igreja e outros. Já a educação intencional se ramifica em educação formal e não formal. Formal são as instâncias educativas, escolares ou não, que possuem uma ação “institucionalizada, estruturada, sistemática” e a não formal são as “instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação” (*idem*, p. 31). Gadotti (2005) ressalta a liberdade dela não possuir um sistema sequencial ou emitir certificações obrigatoriamente, além da ausência de hierarquias e burocracias, como não ter um sistema de “progressão”.

A educação não formal pode se localizar em diversos espaços, como nos movimentos sociais e populares, nos trabalhos das ONGs e em projetos culturais esporádicos não institucionalizados. Como afirma Gohn (2007):

As práticas da educação não-formal se desenvolvem geralmente fora dos muros da escola – nas organizações sociais, nos movimentos e nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias e lutas contra a desigualdade e a exclusão social. Essas práticas estão no centro das atividades das ONGs e dos programas de inclusão, especialmente no campo das artes, educação e cultura. (GOHN, 2007, p. 13)

Os projetos sociais, socioeducativos e também os culturais para crianças, jovens e adultos são formas de trabalho que atuam de forma complementar às escolas utilizando-se da perspectiva da educação não formal. Possuem um formato distante dos marcos institucionais e regulamentares da educação (leis e diretrizes), por isso mais livres, mas ainda assim, possuem formatos estruturados e sistematizados, objetivos, metodologias e resultados. (GOHN, 2007 e LIBÂNEO, 1999).

Tão quanto os projetos são plurais, os seus objetivos e metodologias também são. Tais diversificações são motivadas por questões como desenho do escopo do projeto, público-alvo, realidade socioeconômica e cultural, patrocinadores ou financiadores, realizadores e etc.

A CUFA, por exemplo, cita as seguintes questões como valores institucionais: “priorizar o negro; fazer do nosso jeito; romper paradigmas; gerar oportunidades; difundir a cultura das favelas; democratizar o acesso à cultura; inserir socialmente os jovens de favelas”. Tais valores estão no desenho dos projetos geridos pela instituição e têm influência em todas as perspectivas de trabalho.

A modalidade de um projeto social já define alguns procedimentos de trabalho: esporte, saúde, educação, meio ambiente, linguagens artísticas, cultura e etc. Tal característica ou a soma de dois ou mais campos vão trazendo definições ao projeto. No campo da cultura já existe uma gama de possibilidades e interpretações que pode ter imbricações com todas as outras modalidades, em especial educação e linguagens artísticas devido aos seus campos em comum e as suas similaridades. A definição de cultura dada pelo Ministério da Cultura<sup>22</sup> na articulação das dimensões simbólica, cidadã e econômica já nos traz diversas formas e metodologias de trabalho para o campo com a possibilidade de ações pelos três vieses: a expressão, o direito e rendimento econômico. Yúdice (2004), ao posicionar a cultura em diálogo com a economia, sociedade e política, conceitua a “cultura como recurso” que é instrumentalizada como utilidade a serviço da resolução de problemas sociais.

Mas ainda há quem discuta a arte em si como forma de ação e desenvolvimento de um projeto social que pode propiciar o desenvolvimento crítico, a expressão, o protagonismo, a fruição.

a arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e o imaginário, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2003, p. 18)

Barbosa é uma referência relacionada tanto à educação artística escolar como a projetos na educação não formal. O Instituto de Arte Tear é uma das instituições que embasa algumas de suas ações na arte-educação com referência na metodologia de produção, fruição e reflexão como orientação em inúmeros projetos.

A afirmativa de existirem procedimentos metodológicos na educação não formal está longe de ser consensual. Gohn (2010) apresenta opiniões de autores que dizem da não existência de um método. Já o seu posicionamento é de que não é possível dizer que eles não existam, mas no processo em curso, a própria definição do projeto deverá mostrar a necessidade do uso de métodos e metodologias. Contudo, a realidade e cultura dos indivíduos e grupos participantes, a problematização do cotidiano e os conteúdos construídos no processo são de suma importância para o processo de aprendizagem e internalização de saberes que o projeto busca proporcionar.

“Em processo” é uma expressão chave nos projetos. Isso porque se parte da concepção de que está em construção e aberto ao diálogo e que nenhum procedimento vem pronto e

---

<sup>22</sup> MINISTÉRIO DA CULTURA. Disponível em <<http://www.cultura.gov.br/o-ministerio>>. Acesso em 20 de março de 2015.

acabado. Isso não quer dizer que não exista planejamento prévio por parte dos educadores, todavia, há uma liberdade que permite rever, reconstruir e repensar formatos em sua execução, que servem como procedimentos e casos para futuros projetos.

Quanto aos objetivos dos projetos, normalmente se estabelecem o geral e os específicos, os quais são apresentadas as expectativas de resultados quantitativos e qualitativos. É comum que se tenha uma referência do número de pessoas que se espera atender em suas atividades, quantos participantes nos cursos e oficinas, quantas famílias recebem determinado atendimento ou outros números que o projeto possa apresentar. Já os qualitativos, que possuem aspectos mais difíceis de mensurar, principalmente a curto prazo, propõem contribuições relacionadas a questões socioeconômicas e culturais, qualidade de vida e desenvolvimento intelectual.

Yúdice, em entrevista para Heloisa Buarque de Hollanda para a Revista Z Cultural (2005) comenta que

a cultura não vai necessariamente reduzir a pobreza, a cultura não tem esse poder. Os projetos culturais que pretendiam aumentar a autoestima dos favelados em nome de resultados concretos como a busca de formação profissional, de obtenção de empregos e trabalhos não mostraram a eficácia imediata pretendida (REVISTA Z CULTURAL, 2005)

Nesse sentido, não se deve cobrar resultados imediatos ou exclusivamente quantitativos. São caminhos a longo prazo, que repercutem em distintos momentos na vida de cada um. São também difíceis de mensurar em pouco tempo de realização – embora este trabalho se concentrou em ações de média e longa duração, existem projetos de curta atividade, como oficinas e intervenções de apenas horas - e no acompanhamento de vida do indivíduo.

Alguns pesquisadores vão além buscando enumerar algumas contribuições dos projetos como “contribuir para a supressão de certas arcas de exclusão pelo aumento da escolaridade, da capacitação profissional, da consciência étnica, de gênero, de pertencimento local comunitário”. (NOVAES, 2006, p. 113).

Um pensamento errôneo, porém superado entre alguns profissionais do setor, é dizer que os projetos socioculturais podem exclusivamente “transformar realidades” ou “salvar vidas”. Estes objetivos têm um viés moralizador e absolutista, que buscam conquistar públicos e apoiadores e, para tanto, é comum escutar que determinado projeto “tira o jovem do tráfico e da marginalidade”. É um pensamento que deve ser superado porque, além de existirem inúmeros fatores da vida individual e coletiva (comunidade) que qualquer projeto não alcançaria, se ele já parte da concepção que toda criança, jovem e adulto de comunidades populares é um potencial criminoso, ele já tem uma visão determinista do indivíduo e está partindo de preconceitos e desconhecimento da realidade sociocultural das favelas e periferias.



Na ponta dos projetos, nas suas bases de execução trabalhando diretamente com o “público-alvo”, encontra-se o sujeito que este trabalho tem se referido como “educador social”. Figura emblemática que recebe diferentes denominações e atribuições, como aponta Gohn (2007):

Há vários nomes para designar funções similares, tais como: formador, monitor, facilitador, articulador comunitário, instrutor, oficineiro, apoiador pedagógico, recreador, animador etc. Todos são educadores sociais – um misto de professor com mediador cultural. Mas o educador social pode ainda acumular funções que geralmente são responsabilidade de coordenadores (em instituições de porte médio e grande), diretores ou presidentes (em instituições pequenas), como elaboração e gestão de projetos. (GOHN, 2007, p. 24)

Este profissional possui a grande responsabilidade de conduzir o projeto revelando a sua visão e missão discursiva na sua prática. Deste modo, é interessante problematizar as responsabilidades, práticas e saberes.

### 3.1 O educador de projetos socioculturais

A convite do Instituto Itaú Cultural, Gohn (2007) realizou um mapeamento de quem são os profissionais atuantes na educação não formal em projetos culturais a partir dos profissionais inscritos no programa Rumos Educação Cultura e Arte 2005-2006, do Itaú Cultural, o qual é fornecido um levantamento de dados do perfil dos educadores, informações, metodologias e saberes da educação não formal que podem ajudar a conhecer o universo de formação, estudo e prática no campo.

Sobre a formação dos profissionais, “a área de formação predominante é a área de humanidades, em especial os cursos de artes, pedagogia, psicologia, comunicações, letras etc.” (GOHN, 2007, p. 22). Outra característica destes profissionais é que a maioria é composta por mulheres e já tiveram uma experiência anterior em educação formal, especialmente nos ensinamentos infantil e fundamental, um perfil que é também muito encontrado nos museus e centros culturais.

A autora (*idem*) destaca que os saberes do educador não formal são muitos, entre os quais: científico, religioso, artístico, conhecimento popular, corporal, consciência social e política. Ele também é um sujeito que costuma ter boa prática oral e capacidade comunicativa com diferentes perfis de sujeitos, tendo a fala e o diálogo como principais artifícios da sua atuação.

A formação profissional da área de conhecimento da educação social, mais acadêmica, reflexiva e teórica é menos ofertada e encontrada. Isto seria um dos indícios, segundo Gohn (2007), do insuficiente desenvolvimento do campo nas Universidades e centros de pesquisa na

área de educação não formal, tendo assim, no 3º setor, instituições culturais, casas de cultura, entidades do Sistema S<sup>23</sup> e nas ONGs, mais espaços de discussão sobre a sua própria área de atuação e o campo, sendo, por isso, mais voltados a uma capacitação instrumental e institucional do que reflexiva, crítica e teórica.

Tais projetos socioeducativos e/ou culturais são elaborados e planejados por meio de múltiplos conhecimentos e saberes dos seus envolvidos: financiadores, coordenadores, gestores e corpo técnico (professores, educadores, mediadores, arte-educadores). Alguns destes saberes são técnicos (conhecimentos específicos dos “assuntos”, “matérias” que serão trabalhados/ensinados nos projetos), pedagógicos e metodológicos, mercadológicos (estratégias empregadas pelos produtores para fazer o seu projeto estratégico ser “patrocinado”) e estratégias de criação e elaboração.

Em outro momento Gohn (2010) enumera 12 tipos de saberes no processo de aprendizagem na educação não formal: prática, teórica, técnico-instrumental, política, cultural, linguística, sobre a economia, simbólica, social, cognitiva, reflexiva e ética. O educador social agrega esses conhecimentos à sua prática formulando imbricações, formatos de trocas e ações que propiciem aos participantes a também produzirem conhecimentos ou perceberem e aflorarem as suas produções.

O projeto descritivo deve conter as bases fundantes do que e como será desenvolvido o trabalho. Mas é nessa ponta em que ele, de fato, se desenvolve. As proposições podem ser as mais instrumentais, tecnicistas e burocráticas possíveis, contudo, se o educador possuir uma perspectiva crítica, ele poderá trazer aqueles “conteúdos” de forma autônoma e problematizadora da realidade (FREIRE, 2006). Embora o desafio posto seja ainda maior, visto que nessa perspectiva ele precisa ir contra o sistema vigente, - aquele que impera no “mercado dos projetos sociais” – o educador pode trilhar um caminho autônomo ao buscar despertar também no grupo participante a consciência crítica e cidadã.

No propósito de alcançar números e resultados, os projetos podem se desvincular da construção de afetos, despersonalizam as pessoas, não produzem e formam o sentimento e consciência coletiva de grupos e comunidades, abrem mão da reflexão para a ligeireza.

---

<sup>23</sup>Sistema S é um conjunto de nove instituições de interesses de categorias profissionais. A maioria delas inicia pela letra “s” e convencionou-se chamá-las assim. São elas: SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural; SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial; SESC - Serviço Social do Comércio; SESCOOP - Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo; SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial; SESI - Serviço Social da Indústria; SEST - Serviço Social de Transporte; SENAT - Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte; SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

Segundo Saviani (1983) a Pedagogia Tecnicista, teoria educacional não crítica que se instaura depois de 1950, tem início com preceitos do modo de produção fabril com foco na racionalidade, padronização agilidade, eficiência, produtividade e foco nos resultados. Ao direcionar esta perspectiva para o campo dos projetos, observa-se o quanto ela está enraizada nas suas formulações e execuções, por meio da lógica empresarial. Todavia, como será visto no próximo capítulo, o quadro de profissionais encontrado é de pessoas envolvidas com questões sociais, com a educação popular e cidadã e não conteudista e tecnicista.

Tais posicionamentos, tidos pela gestão do projeto e pelos educadores, refletem na condução do grupo participante até o alcance dos seus objetivos. Além disso, direciona diversos itens: o número de participantes, forma de seleção dos participantes, espaço de realização, tipo de abordagem, hierarquia, acesso a informações, estrutura de desenvolvimento e etc. Outras questões, como orçamento e cronograma, também delimitam algumas orientações, mas o educador, no controle do plano de trabalho, consegue ter alguma autonomia e executar as atividades a partir das suas perspectivas.

#### 4 CONVERSAS SOBRE SABERES E PRÁTICAS COM OS EDUCADORES

Entre 2 e 13 de março de 2015 foram realizadas entrevistas com sete profissionais que exercem em uma ou mais instituições algum trabalho relacionado à educação em projetos sociais e culturais ligados a arte e cultura em espaços populares. Nem sempre este profissional é institucionalmente ou por ele mesmo denominado “educador”. Buscou-se, então, trabalhar com profissionais que tivessem alguma relação com “mediação”, “orientação”, “facilitação”, “condução” entre o conhecimento e o participante (público) do projeto. As entrevistas com cada um deles tiveram, em média, 50 minutos de duração e focalizaram conhecer os seus caminhos e trajetórias pessoais para chegarem na área de educação não formal e arte-educação, reconhecendo que, por meio do diálogo com os atores, eles poderiam trazer informações relevantes sobre o objeto estudado. A metodologia de entrevistas semiestruturadas foi escolhida porque, segundo Oliveira *et al* (2010), ela é uma forma

relevante para obtenção de dados de caráter subjetivo, principalmente na pesquisa qualitativa, na medida que essa, ao estabelecer uma relação de interdependência entre o sujeito e o objeto, destaca o sujeito, que tem papel fundamental no processo de investigação ao interpretar os fenômenos atribuindo-lhes significado. (OLIVEIRA *et al*, 2010, p. 38)

As falas mais relevantes para a discussão foram dispostas em quadros organizados com categorias-temáticas permitindo classificações e agregações para as discussões de ideias (BARDIN, 1991).

Com isso consegue-se partir da subjetividade das sete pessoas entrevistadas para construir conhecimentos e sistematizar estes saberes. É importante ressaltar que as entrevistas apresentam pontos de vistas desses sujeitos agregados a partir das suas próprias visões de mundo, experiências e vivências e não apresentam uma informação totalizante e fixa. Nesse sentido, o intuito da análise é discutir tais pontos de vistas frente às outras pesquisas já estudadas e relativizar os pontos de vista entre os entrevistados a partir dos seus discursos ou de dados quantitativos, quando possível, nos possibilitando conhecer e promover reflexões sobre o assunto estudado.

O roteiro, previamente estruturado e ao mesmo tempo aberto a indagações que poderiam surgir no decorrer da entrevista, partia, primeiramente, do conhecimento da faixa etária do entrevistado buscando identificar se existe ou não alguma relevância nessa área de trabalho, desejando identificar se a área é constituída por pessoas mais jovens ou com mais experiência. Seguindo o objetivo da questão anterior, desejou-se saber se é uma área em que as pessoas que

trabalham nela possuem muitos ou poucos anos de experiência, bem como analisar, junto com o dado anterior, se idade e tempo de trabalho costumam ser proporcionais nestes casos. Foi interessante saber o percurso de formação desses profissionais sendo possível perceber áreas de maior concentração entre eles, bem como cursos que são relevantes para o setor. Desejou-se identificar o que levou aos profissionais a trabalharem como educadores em projetos socioculturais, se foi um acaso ou se já existia uma intenção e para isso uma preparação para tal. Combinada à questão anterior, buscou-se saber se o cargo que a pessoa ocupa foi fruto do acaso ou se houve uma pré-intenção e se prevalecem os contatos pessoais ou há alguma divulgação, seleção e qualificação exigida para este trabalho. Procurou-se conhecer o dia a dia profissional naquele projeto sociocultural, sendo possível cruzar pontos em comum e divergentes entre os profissionais de diferentes projetos. Questionou-se quais os principais conhecimentos e saberes que os profissionais consideram relevantes para a área profissional, bem como se as teorias e autores são baseados em tais conhecimentos ou se existem conhecimentos mais da prática cotidiana e não atribuídos às teorias formais. Optou-se saber as auto-percepções quanto aos objetivos, funções e contribuições de um projeto sociocultural na visão dos profissionais, sendo possível que eles relatem contribuições para o público participante bem como aos profissionais envolvidos.

#### 4.1 Os educadores

A primeira abordagem com os entrevistados foi realizada por meio de uma rede de contatos por *facebook* e profissionais do meio. Entre eles, somente duas pessoas eu já conhecia: a Entrevistada 1 foi minha professora em um curso de arte para educadores e o Entrevistado 3 foi minha colega de turma nesse mesmo curso. Todos os outros foram encontrados a partir de indicações e da disponibilidade para ser entrevistado durante a semana que tínhamos reservado para a realização das entrevistas (outros profissionais também foram contactados, mas não puderam participar).

Das sete pessoas entrevistadas, somente uma é do sexo masculino e as suas formações são variadas, embora todos (inclusive os que não completaram o curso superior) sejam da área de Humanidades. O curso de Pedagogia, no entanto, se repete entre três deles, afirmando o perfil de profissionais já descrito por Gohn (2007). O tempo de trabalho na área é também diverso, mas predominaram entrevistados com mais de 4 anos de experiência, visto que somente a Entrevistada 5 tem menos de um ano na área. Esta profissional é mais uma que entrou na área por acaso, só que mais tardiamente que os outros. Constatou-se o perfil generalizado de que

não existiu uma investidora profissional para o trabalho na área, mas como as circunstâncias da vida, das redes de pessoas, do contato com arte e cultura e até a insatisfação com a escola (educação formal) acabou levando-os ao trabalho/área que eles estão atualmente. O entrevistado 4 comenta: “inicialmente começou muito por acaso, não porque eu tinha esse interesse (...) e aí eu gosto muito”. Por outro lado, mesmo que a inserção na área tenha vindo pelo acaso, a permanência pareceu uma escolha bastante qualificada entre todos eles ao demonstrarem o sentimento de realização e por acreditarem nas suas atuações e no potencial da educação não formal e popular, como afirma o entrevistado 4: “eu acredito na formação mesmo, porque eu tenho como princípio, em qualquer coisa que eu faço na vida, a educação popular. Então é isso que me move”.

A respeito da formação superior, somente duas não possuem curso superior completo, sendo que uma delas é uma profissional que já possui 23 anos na área, tendo uma grande experiência em muitos projetos no Rio de Janeiro e é uma referência na arte-educação e cultura em projetos sociais. A entrevistada, que tem a graduação incompleta em Letras, fala de formação, da vida e das experiências de Universidades Livres que ela agrega à sua formação autodidata e de um acúmulo de espaços e experiências que a levam a ser considerada formada:

a gente tenha uma formação autônoma, então a gente meio que vai indicando o caminho de formação que a gente quer, está atrelado à ideia das Universidades Livres (...) Hoje eu me sinto uma pessoa formada. Até conversando isso com a Letícia<sup>24</sup>, ela também considera, ela não acha que essa formação ela se dá só na academia. A academia é um lugar. Um lugar que eu me sinto muito formada em arte-educação é aqui no Tear mesmo. Na época que eu comecei a frequentar, a gente tinha uns cinco ou seis cursos na casa e eu fiz todas eles. (ENTREVISTADA 7)

A outra entrevistada que também não possui curso superior ressalta que ela costuma sistematizar o seu próprio saber. Quando perguntamos se ela tem interesse de finalizar a sua graduação interrompida em Belas Artes, ela diz que “se eu fosse pensar no meu ideal, eu não voltaria pra academia, iria colhendo os meus saberes, esquematizando de forma própria, que vou buscando em conversas, em seminários, em leitura que alguém me indicou que, puxa outra leitura” (ENTREVISTADA 3).

O que se observa entre as duas pessoas que não possuem curso superior completo é que os motivos de não terem concluído (ambas desistiram dos cursos) até o momento não se dão pelo desejo de não estudar ou achar desnecessário alguma formação para as suas áreas de trabalho e pra a vida. Pelo contrário, a vontade de estudar, aprimorar, refletir e aperfeiçoar parece estar bastante presente na vida delas, mas existe também um desencantamento com os estudos formais, a universidade, a academia, que parece não caber nos seus focos de estudos e

---

<sup>24</sup> Nome fictício.

por isso elas vão buscando trilhar os seus caminhos independentes e autônomas e também de forma coletiva em espaços que propiciem trocas entre o formal (academia) e o informal (mestres “quebradeiras” e periferia) como na Universidade das Quebradas<sup>25</sup>.

A questão também mostra o pouco ou a ausência do debate sobre educadores em espaços de educação não formal na Universidade. Nos cursos de Licenciatura, o foco é a escola e as modalidades de ensino escolar. No Bacharelado é esta discussão é ainda menos frequente.

---

**Quadro 1. Perfil dos entrevistados: idade, formação e tempo de experiência na área**

---

<b>Entrevistado</b>	<b>Idade</b>	<b>Graduação</b>	<b>Tempo de experiência</b>
Entrevistada 1	35 anos	Pedagogia	6 anos na área
Entrevistada 2	40 anos	Economia Doméstica e Pedagogia	23 anos na área
Entrevistada 3	31 anos	Não possui formação superior	4 a 5 anos na área
Entrevistado 4	42 anos	História	14 anos na área
Entrevistada 5	54 anos	Pedagogia	10 meses na área
Entrevistada 6	29 anos	Serviço Social	6 anos na área
Entrevistada 7	43 anos	Não possui formação superior	23 anos na área

---

As discussões sobre educação não formal estão aquém nas Universidades; até mesmo nos cursos de Pedagogia. É comum que o estudante passe pela graduação sem ter discussões sobre este campo de trabalho e atuação. Na maioria dos casos é por iniciativa própria dos professores ou em disciplinas eletivas. Na entrevista 1 se fala a respeito disso: “a gente tem ideia da educação naquele roteiro, como uma receita que passasse pra gente, aí depois que eu comecei a trabalhar aqui é que eu comecei a ter uma nova visão desses saberes”. Dessa forma se observa um interesse que vem pelas trajetórias pessoais: aquele que participou de projetos quando criança ou jovem; aquele que ficou sabendo de uma vaga de estágio ou profissional e resolveu tentar a sorte; aquele que se desiluiu com a escola. Existe assim, a questão do desejo e interesse pela área e uma formação muito relacionada a prática, erros, acertos e trocas de experiências. Há um saber acumulado na área e à luz do que Charlot (2005, p. 41) descreve

---

<sup>25</sup> “O Projeto de extensão Universidade das Quebradas é uma experiência acadêmica na área da cultura que pretende consolidar um ambiente de troca entre saberes e práticas de criação e produção de conhecimento, articulando experiências culturais e intelectuais produzidas dentro e fora da academia”. Disponível em: <http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/o-projeto/>. Acesso em: 25 de março de 2015.

sobre as pesquisas com o saber: “realizar pesquisas sobre a relação com o saber é buscar compreender como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio: um sujeito indissociavelmente humano, social e singular.”

Nesse sentido, o quadro abaixo foi elaborado buscando a compreensão de onde e como vem as motivações para a atuação na área.

---

## **Quadro 2. Motivações dos educadores estarem na área de educação não formal**

---

<b>Motivações</b>	<b>Trecho</b>
<b>Satisfação no atual emprego e insatisfação no antigo;</b>	<p>“O que estou fazendo aqui? Eu também não tinha a possibilidade de outros meios para ajudar aquela criança porque não havia tempo e pelo quantitativo de crianças. Eu não podia parar com duas, três e deixar o restante da turma. Eu falei: “gente que educação é essa?!”. E foi quando eu comecei a ficar meio desorientada e corri para fazer a pós graduação. E eu queria entender porque cada criança tem uma avaliação, por que cada criança aprende no seu tempo. Porque você diz assim, a criança não aprende e eu nunca acreditei que a criança não aprende, mas eu precisava aprender se esse sentimento era real foi aí que eu comecei a fazer a psicopedagogia que me ajudou bastante e me encontrei aqui na Casa das Artes. (ENTREVISTADA 1)</p> <p>“Eu gosto de dar a parte da educação. Eu acho que você desperta o jovem, os valores que ele tem, ele pode chegar além construir sua carreira, trajetória... Não importando que ele seja pobre que ele tenha uma deficiência, como eu já trabalhei com crianças deficientes (ENTREVISTADA 5)</p>
<b>Processo de formação;</b>	<p>“acredito na formação mesmo, porque eu tenho como princípio em qualquer coisa que eu faço na vida a educação popular, então é isso que me move. (...) Eu estou sempre nesse processo de formação porque eu acho importante. Não com o discurso que vai ser a educação que vai salvar, mas eu acho que é um espaço importante o do educador nessa relação, com o diálogo na construção do conhecimento”. (ENTREVISTADO 4)</p>
<b>Oportunidade para o outro</b>	<p>“eu acho que o que vem me mobilizando nesses anos todos são esses encontros, um desejo muito grande que todos tenham essa possibilidade, essa coisa do social vem de casa” (ENTREVISTADO 6)</p>
<b>Vivenciar uma outra função; Confiança no projeto;</b>	<p>“quando saiu o edital do CMJ eu trabalhava na gestão. E eu senti a necessidade de voltar para a ponta até pra sentir como estava o meu trabalho depois dessa experiência. E eu <b>acreditei</b> no Programa. Os meus olhos brilharam com a possibilidade de trabalhar efetivamente com a política pública de qualidade”. (ENTREVISTADO 6).</p>

---



---

---

Esse questionamento permite reflexões sobre o porquê desses profissionais estarem em exercício na área. Evidencia-se que existe, principalmente, uma confiança seguida da satisfação profissional. A confiança quer dizer que eles acreditam (o referido brilho nos olhos) em seus trabalhos, nas propostas e nas contribuições que os projetos e eles como educadores têm para os educandos e para a sociedade em geral. A satisfação se relaciona ao prazer, de apreciar o que se faz, de se encontrar na prática com arte, educação e cultura, pessoas e o social.

#### 4.2 Os seus saberes

Qual o papel desempenhado pela educação não formal e pelos educadores? Quais são os conhecimentos empregados em suas práticas diárias? São estas questões que o quadro 3 busca responder.

O trabalho do educador social está muito ligado a uma prática cotidiana, que envolve saberes e conhecimentos ligados à formação humana e menos conteudistas. Existem nas experiências estéticas, culturais e artísticas habilidades técnicas e motoras, mas há também valores, posicionamentos éticos e políticos.

A valorização do participante, o trabalho com empoderamento e autoestima foram questões mencionadas nas quais o educador busca articular formas de trabalho que possam despertar as questões aos envolvidos, buscando o enaltecimento da sua história e raízes, do local (território) onde ele vive, da auto-representação que tem de si.

Dessa forma, quando questionados em “quais os principais conhecimentos e saberes você utiliza na sua atuação?” os entrevistados falaram principalmente das 8 dimensões mencionadas por Gohn (2010) que envolvem o cenário socioeconômico, simbólico, social e político: política, cultural, linguística, sobre a economia, simbólica, social, reflexiva e ética em detrimento de saberes e conhecimentos técnicos e de habilidades educativas.

O conhecimento local, que implica saberes histórico-políticos da realidade, também abrange entendimentos da dimensão espacial e territorial: além da apreensão e problematização de fatos históricos, torna-se importante conhecer pessoas, as relações entre elas e os espaços.

Empoderamento, respondido pela entrevistada 1, vem a ser a percepção sobre si ao pensar de forma crítica, consciente em busca do fortalecimento e valorização de quem é, da sua história, território e espaço.

Já a entrevistada 3 menciona a dedicação que é envolvida por uma relação afetiva de compaixão ao próximo. Foi um depoimento emocionado que nos remete à ideia de que o profissional deve sobretudo gostar do que ele faz e o envolvimento “na causa” se torna parte da sua vida. Todavia, não devemos achar que “só o amor enche a barriga”, é um processo ingênuo. Há a necessidade do profissional consolidar conhecimento da área e buscar fazer reflexões críticas, crescendo profissionalmente.

---

### Quadro 3. Saberes mencionados pelos educadores

---

Saberes	Trecho
<b>Comunidade;</b> <b>Local;</b> <b>Território;</b>	<p>“a gente tem uma série de saberes da <b>comunidade</b>. A gente trabalha muito a questão da narrativa local, a questão do meio ambiente na comunidade, a questão das festas locais, da cura e da reza, da saúde da criança e da família na comunidade” (ENTREVISTADA 1)</p> <p>“a gente trabalha com o dia a dia, com a realidade de mundo e vai estar sempre relacionado ao nosso <b>dia a dia, o local</b> e essas questões, diferenças sociais, bullying, porque a pessoa mora na favela e juntando sempre com parte acadêmica”. (ENTREVISTADA 2)</p> <p>“é o princípio <b>da educação popular</b>. Outra coisa, é trabalhar sempre com <b>técnicas participativas</b>, isso não dá pra não ser assim. Uma outra noção que eu acho muito importante é trabalhar a noção de território. Discutir a questão de <b>pertencimento de território</b> porque acho que isso facilita esses processos porque quando a gente trabalha esse processo do território a gente permite, vem logo inicialmente os desafios mas dá pra trabalhar a perspectiva das potências, das coisas positivas”. (ENTREVISTADO 4)</p>
<b>Empoderamento;</b> <b>Percepção de</b> <b>potencialidades</b>	<p>“o papel principal da gente é o <b>empoderamento</b> da criança como cidadão mesmo, podendo trazer um meio que aquela criança possa desenvolver os seus saberes através do seus próprios conhecimentos. Não é uma imposição, transmissão de conteúdos, e sim a gente quer trabalhar como mediador e a troca de saberes”. (ENTREVISTADA 1)</p> <p>“Tentar ver naquele jovem que é sempre visto como carência, jovem de favela e tal, ver neles as potências que eles tinham. Então, a ideia é muito mais instigá-los a <b>perceberem as potências deles</b>, colocar isso pra fora, que algumas vezes eles mesmos não sabiam que tinham. Alguns até sabem. Eu trabalhei na Rocinha e lá tinham muitos jovens conscientes da sua potencialidade, seus talentos. Mas em algumas outras comunidades isso era mais difícil. Então, as vezes, ficava focado em instigar isso pra fora. Em provocar eles. Aí é claro, tem alguma coisa de conteúdo sim, mas mais orientando eles em como fazer um projeto,</p>

---

---

como fazer uma pesquisa. Alguns deles não tinham prática em fazer pesquisa. (ENTREVISTADA 3)

**Amor;** “eu trago o **meu amor** porque eu acho que é o primeiro lugar pelo aquilo que eu faço, eu trago a minha disponibilidade para esse jovem, para a pessoa. Primeiro tem que gostar de pessoas, se não gostar não adianta. Eu tenho que ter amor pelo próximo. Eu acho que em primeiro lugar é amor ao próximo” (ENTREVISTADA 5)

---

#### 4.3 As suas práticas

Como aponta Gohn (2007) o diálogo é a principal “ferramenta” de trabalho de um profissional que atua com o outro, na sua escuta e em conjunto na construção de saber. Seja na contação de história, no ensino de alguma habilidade/ferramenta ou linguagem artística, na produção e desenvolvimento de ideias criativas ou materiais. São inúmeras possibilidades, mas entre todas elas, um ponto em comum está na aproximação entre o educador e educando nos projetos.

O principal instrumento de trabalho do educador social é o diálogo. Não o simples “jogar conversa fora”, mas o diálogo tematizado, estruturado com base nas propostas das atividades. Somam-se a ele o estudo de fundamentos teóricos e a prática de atividades. O trabalho do educador deve ter, sem dúvida, uma boa dose de espontaneidade, mas só terá um efeito mais profundo se for sustentado em princípios e metodologias de trabalho, que incluem estudo de indicadores socioculturais e econômicos, contextualização da comunidade no conjunto das redes sociais e temáticas de um município e pesquisa histórica. (GOHN, 2007, p. 15)

A perspectiva dialógica propicia também o desenvolvimento pessoal e afetivo criando laços entre os participantes e com o educador. Como ressalta a entrevistada 1:

não é uma imposição, transmissão de conteúdos, e sim a gente quer trabalhar como mediador e a troca de saberes. Por que a troca de saberes? Porque eu falei que quando eu trabalhava na escola formal, eu tinha aquele saber formal ali, pronto e acabou. Quando a gente começa a trabalhar dentro de um projeto social, enfim, a gente começa a perceber que não só a criança aprende com a gente mas como a gente também aprende muito com a criança. (ENTREVISTADA 1)

Não por acaso, Paulo Freire foi o teórico mais citado entre as referências dos entrevistados. Eles se referem aos seus conceitos de educação popular, autonomia, troca, dialogismo e formação crítica. Além dele também foram citados por mais de um deles o Leonardo Boff, quanto a ética e o cuidado, e José Pacheco, na gestão democrática, autônoma e menos conteudista.

As práticas envolvem as metodologias de trabalho, as formas de execução com o grupo para alcance dos seus objetivos. Segundo o portfólio da OSCIP Avenida Brasil – Instituto de Criatividade Social<sup>26</sup>, a metodologia utilizada pela Agência de Redes para Juventude:

apresenta aos jovens **estímulos, repertórios e redes** para que eles possam desenvolver **ideias de intervenção** no seu território que sejam parte de seu projeto de vida e em redes de colaboração e solidariedade.

(...) Uma das características empregadas nas ações de um modo geral é a **de incluir como parceiro, colaborador e/ou trabalhador os moradores da localidade** onde atuamos. Desta maneira, o sujeito passa a enxergar a iniciativa como própria, investindo, não somente a sua mão de obra, mas, sobretudo, o seu **potencial articulador** dentro da comunidade, fortalecendo, em última instância, a presença do projeto naquele território. (grifos meu)

Dessa maneira o fio condutor é criar: redes, possibilidades e oportunidades. Não é simplesmente a instrumentalização de um assunto, é o exercício da criatividade e, buscando ser palpável, a construção da rede de pessoas, a rede social, que possa contribuir com o jovem para a realização da sua ideia.

Ainda priorizando as perspectivas transversais do conhecimento, a CUFA ao apresentar os seus objetivos no *facebook* ressalta que:

através de uma linguagem própria, a CUFA pretende **ampliar suas formas e possibilidades de expressão e alcance**. Assim, vai difundindo a **conscientização** das camadas desprivilegiadas da população com oficinas de capacitação profissional, entre outras atividades, que elevam a autoestima da periferia quando levam conhecimento a ela, oferecendo-lhe novas perspectivas. (grifos meu)

Observa-se, então, formas de trabalho que funcionam por meio da valorização cultural e da construção de novas representações com o público. Segundo o texto, as oficinas não tratam somente da capacitação profissional, mas também da formação crítica e consciente.

---

<sup>26</sup> <http://sniic.cultura.gov.br/index.php/usuarioInternetAction/responsavelInternetView/39925/39083>. Acesso em 04 de dezembro de 2015.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não fala especificamente das minhas experiências como educadora em projetos socioculturais, mas, estudando histórias de vida, exemplos e casos de projetos, o trabalho permite revisitar pontos também da minha história e de experiências vividas.

Permito-me também compará-las encontrando pontos comuns e divergentes. Vou aprendendo com os meus pares e idealizando novos projetos, formas de trabalho e, ao mesmo tempo, construindo o processo formativo que o educador deve ter nos projetos socioculturais de disponibilidade e aprendizado com o outro. A construção do texto com os autores e as conversas com os educadores, propiciaram a essas reflexões. Aconteceu comigo junto a eles, acontece entre eles e seus educandos.

Há um discurso freiriano na disponibilidade ao encontro, ao diálogo, à escuta, em entender o outro na sua autonomia, individualidade e subjetividade:

Nas minhas relações com os outros, que não fizeram necessariamente as mesmas opções que fiz, no nível da política, da ética, da estética, da pedagogia, nem posso partir de que devo “conquistá-los”, não importa a que custo, nem tampouco temo que pretendam “conquistar-me”. É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas. (FREIRE, 2006, p. 135)

Como foi visto, no ofício do educador de projetos socioculturais populares há um encontro de saberes entre “o educador”, “o participante” e o próprio “instrumento do conhecimento”. Eles se misturam sem hierarquias e as posições ganham novos arranjos em que o participante é quem ensina e o educador quem aprende. O educador precisa aprender sobre aquela realidade, aquela cultura, história, vivências e quem são os seus educandos para assim desenvolver um processo personalizado de produção de conhecimentos.

O trabalho do educador deve buscar acontecer de forma autoral, espontânea e inédita, priorizando a realidade do grupo que está envolvido. Não é uma repetição instrumentalizada, não é curricular e não é padronizado. Pode e deve estar escrito. Sistematizar e refletir sobre as práticas é preciso. Relatórios são necessários. Mas ele não deve querer que os participantes tenham resultados padronizados. O processo avaliativo, a mensuração de resultados (não só para a prestação de contas, mas sobretudo à gestão do projeto e os educadores) é um ponto reflexivo de análise. Contudo, o projeto deve chegar aos resultados esperados propostos por ele, mas deve ser ainda mais importante chegar ao resultado que o participante esperava dele mesmo.

Dessa maneira, o papel do educador e dos projetos socioculturais é o de disponibilizar a instrumentalização crítica, proporcionando o conhecimento das ferramentas para que os participantes dos projetos desenvolvam as suas capacidades e as suas potencialidades.

As formas e metodologias passam pela principal questão de como chegar e trocar este conhecimento com o participante de uma forma que valorize-o. É nesse sentido que o “empoderamento” foi uma das principais formas de trabalho citadas pelos educadores porque por meio dele se busca a consciência de si e do seu valor, da sua condição de cidadão e do exercício de seus direitos e deveres.

Apono a seguir algumas percepções finais, que já foram discutidas junto a bibliografia e na análise entrevistas, mas devem ser reforçadas:

- A inserção do profissional na área vem mais do acaso e das oportunidades pessoais do que de um planejamento e formação específica para a atuação em projetos socioculturais, mas em seguida a satisfação pessoal evidencia-se a busca por qualificação e reflexão profissional.

- A educação não formal pode desempenhar diversos papéis para mais de um grupo (empresarial, educadores, grupo atendido, sociedade), mas se tratando da educação em projetos socioculturais populares, independente do formato e metodologia aplicado, existe a aspiração por uma formação crítica implicando na consciência coletiva e cidadã, entre seus educadores engajados.

- Para alcançar o objetivo acima, o educador deve buscar privilegiar momentos que promovam a integração do grupo entre os participantes e o espaço social em que vivem, para isso, o trabalho com o empoderamento, autoestima, protagonismo e conscientização.

- A todo momento o gerenciamento e gestão de projetos se preocupa com as cobranças de processos administrativos empresariais. O alcance das metas, visibilidade midiática (marketing) e diminuição de custos, que fazem parte da gestão de negócios e produtos, está também no “mercado dos projetos sociais”.

- É interessante que o educador conheça esse sistema empresarial da gestão de projetos, formas de patrocínio e apoio, modelos de negócios, economia e política. Para que assim ele consiga pensar em formas de atuação dentro de uma perspectiva crítica junto ao conhecimento da realidade dos participantes envolvidos.

De forma alguma são máximas estabelecidas, afinal é um campo muito vivo, efervescente, em processo e em transformação. Nesse sentido é muito comum a impressão de que todos os projetos socioculturais em curso passam por momentos de reestruturação constantemente, pensando em melhores formas de trabalho a partir de uma intersecção entre necessidades institucionais e o “mundo ideal” de quem quer estabelecer processos educativos.

Nesse sentido, cabe ao educador social, o fortalecimento da sua classe por meio da integração entre seus pares. Situação que permite a reflexão e a troca de experiências e saberes. A academia, embora educador e Universidade ainda não possuam um entrosamento efetivo, como demonstram as falas dos entrevistados, possuem iniciativas e espaços que promovem a reflexão sobre o assunto. O LACE é, sem dúvidas, um desses locais.

## REFERÊNCIAS

ANSEL, T. A. ; SILVA, J. S. E. **Mídia e Favela: Comunicação e Democracia nas Favelas e Espaços Populares - Levantamento de Mídia Alternativa.** Local: Editora, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. As mutações do conceito e da prática. In BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 1, p. 13-25.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1991.

BRANT, Leonardo. **Mercado cultural: investimento social, formatação e venda de projetos, gestão e patrocínio, política cultural.** São Paulo: Escrituras, 2001.

BRUM, Mario Sergio. Rio de Janeiro cidade de eventos: mercado, cidadania e oportunidades num contexto de crescimento econômico. In: **XV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, 2013, Recife. Anais em CD-ROM do XV ENANPU, 2013. v. 1. p. 1-14.

BURGOS, M. T. B. ; PAIVA, A. Escola e Projetos Sociais: uma análise do 'efeito-favela'. In: BURGOS, Marcelo Baumann; PAIVA, Angela Randolpho (Org.). **Escola e Favela.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2009, v. 1, p. 59-133.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o Saber, Formação de Professores e Globalização: questões para a educação de hoje.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

CUNHA FILHO, F. H. **Administração pública: modelos de cogestão.** Curso de formação gestores públicos e agentes culturais. IFHT. Rio de Janeiro, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2006, ed. 33

GESET. Gerência de Estudos Setoriais. COSTA, Cláudia Soares e VISCONTI, Gabriel Rangel. **Terceiro Setor e Desenvolvimento Social.** Relato Setorial N° 3 - AS/GESET. Julho de 2001. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/relato/tsetor.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/relato/tsetor.pdf)>. Acesso em 15 de março de 2015.

GOHN, M. G. M. **Educação Não-Formal e Cultura Política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleções questões da nossa época; v.26).

\_\_\_\_\_. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez, 2010. – (Coleções questões da nossa época; v.1).

\_\_\_\_\_. **Não-fronteiras: Universos da Educação Não-Formal.** São Paulo: Instituto ITAÚ CULTURAL, 2007. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/000323.pdf>> Acesso em 23 de junho de 2014.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal.** Sion: Institut International des Droits de l'Enfant, 2005. Disponível em: <[http://www.vdl.ufc.br/solar/aula\\_link/lquim/A\\_a\\_H/estrutura\\_pol\\_gest\\_educacional/aula\\_01/imagens/01/Educacao\\_Formal\\_Nao\\_Formal\\_2005.pdf](http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf)>. Acesso em 29 de fevereiro de 2015.



INSTITUTO ETHOS. **Glossário**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www3.ethos.org.br/wp-content/uploads/2013/09/Gloss%C3%A1rio-Indicadores-Ethos-V2013-09-022.pdf>>. Acesso em 04 de março de 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para que?** São Paulo: Cortez, 1999.

MACHADO DA SILVA, L. A. A continuidade do ‘problema da favela’. In: Oliveira, Lúcia Lippi (org.): **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV/CNPq, 2002, pp.220-237.

\_\_\_\_\_. **“Violência Urbana”, Segurança Pública e Favelas** – o caso do Rio de Janeiro atual. Caderno CRH, Salvador, v. 32, n. 59, Maio/Agosto de 2010, p.283-300.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: Almeida, Maria Isabel e Eugenio, Fernanda. **Culturas Jovens: novos mapas dos afetos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 105-120.

OLIVEIRA, Ivanilde; FONSECA, Maria de Jesus; SANTOS, Tânia. A entrevista na pesquisa educacional. In MARCONDES, M. I.; TEIXEIRA, E.; OLIVEIRA, I. A. DE, (Org.), **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2010. P. 37-53.

PANDOLFI, Dulce; GRYNSZPAN, Mario. Poder Público e favelas: uma relação delicada. In: Oliveira, Lúcia Lippi (org.): **Cidade: história e desafios**, Rio de Janeiro: Editora FGV/CNPq, 2002, 238-255.

REVISTA Z CULTURAL. **Heloisa Buarque de Hollanda entrevista George Yúdice** | agosto de 2005. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/heloisa-buarque-de-hollanda-entrevista-george-yudice-agosto-de-2005-2/>>. Acesso em 25 de março de 2015.

ROCHA, Lia de Mattos. “Representações e autorrepresentações: notas sobre a juventude carioca moradora de favelas e os projetos sociais de audiovisual”. In: **Anais do 35º Encontro Anual da ANPOCS**, GT 07, Dimensões do urbano: tempos e escalas em composição, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, (Coleção polêmicas do nosso tempo, 5) 1983.

SOARES, Laura T. R. Os custos sociais do ajuste neoliberal no Brasil. IN: **El ajuste estructural en América Latina. Costos sociales y alternativas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), p. 170 - 185, 2001. Disponível em:<<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101003020857/9cap08.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

SOUZA E SILVA, Jailson, **Favelas: As formas de ver definem as formas de intervir**. In: Revista Econômica, 13(1), Rio de Janeiro, junho 2011, p. 47-57.

SOVIK, Liv. **Os projetos culturais e seu significado social**. In: Galáxia, São Paulo: PUC-SP, v. 13, p. 172-182.

TOMMASI, L. **Juventude, projetos sociais, empreendedorismo e criatividade**: dispositivos, artefatos e agentes para o governo da população jovem. Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, v. 6, p. 287-311, 2014.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. Paris: UNESCO. 2002.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A Invenção da Favela**. Do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: FGV. 2005.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

## **APÊNDICE 1: Roteiro semi-estruturado das entrevistas**

1. Idade:
2. Onde trabalha atualmente:
3. Instituições e projetos que já trabalhou como educador(a):
4. Tempo de trabalho na aérea:
5. Formação superior: sim ou não. Se sim: Qual curso? Onde? Se não: Por que não? Ainda pretende fazer? Já fez algum curso complementar? Se sim, qual?
6. Trajetória profissional: como e por que veio trabalhar na área? Quais as suas motivações?
7. No projeto em que trabalha atualmente, há quanto tempo está e como chegou aqui?
8. Descreva as principais atividades realizadas e a sua rotina de trabalho.
9. Quais os principais conhecimentos e saberes você utiliza na sua atuação?
10. Você se baseia em algum(ns) conhecimento(s) acadêmico(s)? Se sim, qual(is) e em que autor(es).
11. Como você acha que os projetos socioculturais contribuem para a formação de sujeitos envolvidos neles?
12. Você conhece alguma história/caso em que você presenciou alguma contribuição, algum caso de sucesso?

## APÊNDICE 2: Entrevistas

Transição das partes mais relevantes de cada entrevista.

### **Entrevista 1**

#### **Você trabalha aqui e em alguma outra instituição?**

Não, só trabalho aqui.

#### **Você já trabalhou como educadora em outros locais?**

Já trabalhei em creche, na educação infantil, nos colégios, no fundamental

#### **Em algum outro projeto?**

Não, projeto só aqui.

#### **Há quanto tempo você trabalha pensando a educação em projetos sociais? Não pensando em escola, há quanto tempo você trabalha na área?**

Em projeto social, eu vou ser muito sincera, foi quando eu entrei aqui, fazem seis anos. Porque quando a gente se forma a gente tem ideia da educação naquele roteiro, como uma receita que passasse pra gente, aí depois que eu comecei a trabalhar aqui é que eu comecei ter uma nova visão desses saberes.

#### **Você é formada então em algum curso superior?**

Eu sou Pedagoga e Psicopedagoga.

#### **Psicopedagogia você fez uma especialização?**

Isso, pós-graduação.

#### **Onde você fez a sua graduação?**

A graduação foi na Celso Lisboa e a pós graduação na Candido Mendes.

#### **E você já fez algum curso complementar sobre educação em projetos, em educação não formal?**

Eu sempre vou para seminários, mas cursos que durem mais tempo não.

#### **Aí você falou que é formada em pedagogia, que já trabalhou na escola, como e por que você veio trabalhar num projeto social, na educação não formal?**

Porque o que acontece: quando a gente vai pra uma escola, existe aquilo que eu tava contando pra você, é como se a gente fosse fazer um bolo, você tem que cumprir aquela receita. Se você não cumpre aquela receita, o seu trabalho é entendido como não executado. Daí a gente não pode considerar a criança como um bolo, que cada um tem um ingrediente. E isso me deixava muito confusa, muito incomodada mesmo. Porque você tinha que passar um conteúdo que você é obrigada e obter resultado de todos eles, os mesmos resultados e isso na realidade não acontece. E aí eu comecei me perguntando: o que estou fazendo aqui? Eu também não tinha a

possibilidade de outros meios para ajudar aquela criança porque não havia tempo e pelo quantitativo de crianças. Eu não podia parar com duas, três e deixar o restante da turma. Eu falei: “gente que educação é essa?!”. E foi quando eu comecei a ficar meio desorientada e corri para fazer a pós graduação e eu queria entender porque cada criança tem uma avaliação, por que cada criança aprende no seu tempo. Porque você diz assim, a criança não aprende e eu nunca acreditei que a criança não aprende, mas eu precisava aprender se esse sentimento era real foi aí que eu comecei a fazer a psicopedagogia que me ajudou bastante e me encontrei aqui na Casa das Artes.

**E como você chegou aqui?**

Eu comecei a enviar currículos e aí através de uma entrevista eu fui convidada a trabalhar aqui.

**E quais são as suas principais motivações, você falou: foi um pouco uma decepção com a educação formal ou não?**

Foi uma decepção sim, mas eu queria sinalizar o seguinte, que não é com o professor em si, não é que eu esteja julgando, é que é assim, se a gente parar pra ver, o professor quer muito fazer diferente mas ele não tem a oportunidade, ele não tem as condições. Então assim eu não tô julgando o professor da educação formal, eu tô julgando o sistema que não dá condições para esse professor possa fazer da melhor forma pra tentar ajudar a criança porque cada um tem a sua necessidade.

**Quais as suas motivações pro trabalho nessa área?**

A gente encontra a questão da baixa autoestima, a questão da falta, não digo nem falta, mas da não consciência dos seus direitos e foram questões que a gente começou a trabalhar e começou a ter resultados com as crianças, porque a partir do momento que a criança se entende como um cidadão que tem direito como qualquer criança, a gente consegue trabalhar a autoestima que está sempre ali sendo diminuída, a gente começou a ver que isso dava resultado. Então assim, o que me motiva mesmo é trabalhar a questão do empoderamento, do direito das crianças, da autoestima, do papel dela como cidadão brasileiro. Entendeu?!

**Quando você chegou aqui há seis anos você estava procurando um emprego na área de educação mas que não fosse uma escola regular, é isso?**

Exatamente.

**E qual a sua rotina de trabalho? Quais as principais atividades que você realiza? É sempre o mesmo grupo?**

Não, o que acontece. A minha disciplina aqui no caso se chama “diálogo escolar” o que é o “diálogo escolar”, é como uma escola, a gente não trabalha com a transmissão de conteúdos e sim em caminhos que ajudem a sanar as dificuldades da criança em determinados conteúdos.

Como se fosse assim, a criança tem dificuldade em matemática, em dividir. Eu não chego aqui e não vou ficar passando mil contas pra ela de divisão. Eu começo a trabalhar a questão da realidade da criança: olha só, quantos irmãos você tem? Se você trouxer tantos biscoitos, mas todo mundo tem que comer? A gente traz aquela realidade dele pra dentro da sala para que ele possa vivenciar e aquilo ser melhor assimilado.

É que a gente não trabalha aqui com uma turma só, existem outras oficinas e nós temos 8 turmas. 4 de manhã e 4 à tarde e existe um rodízio. Eles ficam 1h comigo, com a minha oficina, aí 1h com outra oficina e assim vai, todos os dias a gente pega todas as turmas porém não com aquela questão de ficar 4h com a mesma turma. E a gente trabalha aquela relação mesmo do diálogo com a escola e outras coisas como o direito deles, violação de direitos, a questão da violência.

### **Esses alunos que estão de manhã então vão pra escola a tarde?**

Isso.

### **E qual idade?**

A gente trabalha com crianças de 6 a 16 anos. Então a gente procura dividir a criança não só por idades mas também com o nível de aprendizado porque a gente viu que não adianta eu colocar uma criança que tem uma idade avançada se ela não consegue acompanhar aquela turma, aí o que aconteceu, a criança vai ficando desmotivado, enfim, causando um desânimo total e até mesmo o abandono da educação, aí a gente procura trabalhar assim, vamos criar uma turma onde todos tenham a mesma dificuldade, para que possamos caminhar juntos

### **E a sua rotina de trabalho de atividade que você faz com eles? Você monta um plano?**

A gente tem o planejamento mensal e o plano de trabalho. Todas as nossas atividades são organizadas por saber comunitário. O que é o saber comunitário? É pegar aquela vivência da criança, o que acontece na comunidade. Então eu trago aqueles saberes para dentro da sala e a gente trabalha em cima daqueles saberes. Se eu quero trabalhar ciências eu vou trabalhar o lixo na comunidade, o cano que está estourado. Enfim, coisas mesmo que façam parte daquele cotidiano deles.

### **Quais os principais conhecimentos e saberes você utiliza na sua atuação na sua atuação?**

A gente tem uma série de saberes da comunidade. A gente trabalha muito a questão da narrativa local. A questão do meio ambiente na comunidade, a questão das festas locais, da cura e da reza, da saúde da criança e da família na comunidade. O mundo do trabalho na comunidade porque assim existe o mundo do trabalho na sociedade, mas na comunidade também existe o mundo do trabalho na comunidade, de trabalhos alternativos, a questão do moto-táxi, do motorista de combi, a D. Joana que faz o sacolé, o Seu João que faz a pipa (...) a organização

política da comunidade, que por mais que a sociedade diga que é a mesma quando a gente tá aqui a gente sabe que não é bem assim que funciona.

**Você utiliza conhecimentos acadêmicos da sua formação em Pedagogia e Psicopedagogia?**

Com certeza, a todo momento. Foi aquilo que eu falei, esses saberes são um gancho para poder eu trabalhar os saberes acadêmicos da criança e o que eu aprendi eu implementar ali. Porque quando eu vejo que por exemplo, a criança tem uma dificuldade em vamos supor, de assimilar determinado conhecimento, então a psicopedagogia me ajuda a identificar qual o tipo de trabalho, o que eu tenho que fazer com essa criança, se eu tenho que começar com atividades lúdicas, só na parte de leitura, de imagem, enfim, é o que me auxilia bastante e que me ajudou a compreender esse mundo.

**Você lembra na prática de autores acadêmicos?**

Bom, eu sempre gostei muito do Paulo Freire que ele trabalha justamente a questão dos saberes comunitários, e aqui na casa também é um dos autores que é a nossa base. Eu também gosto muito do Vygotsky, e Émile Durkheim. São filósofos que trabalham a questão da educação. Cada um tem a sua teoria mas elas se encontram em determinadas situações. Por mais que eu goste do Paulo Freire eles terão outros caminhos e irão se associar a outros filósofos para compreender o todo. A nossa metodologia é muito baseada em Paulo Freire, que tem tudo a ver com o saber comunitário. E a gente também trabalha com os “sete códigos da modernidade”, de Bernardo Toro. São códigos que ele criou e nos ajudam a pensar a desenvolver as atividades com as dificuldades das crianças. Ele trabalha com o domínio da leitura e da escrita, o que a gente pode fazer pra estar desenvolvendo? A capacidade de fazer cálculos, de planejar e em grupo. Isso aqui é como se fosse um dos nossos carros chefes, que auxilia bastante no nosso trabalho.

**Você chamaria o projeto como específico de alguma área?**

A gente trabalha com a cultura, com a sociabilidade, com a violação de direitos, com as ciências, com tudo, a gente não foca só em um projeto.

**Como você acha que os projetos socioculturais contribuem para a formação de sujeitos envolvidos neles?**

Eles contribuem de todas as formas. Quando eu tô falando de ciências eu tô falando vivência da criança; da violação do direito é aquilo que ela vive constantemente; a questão da violência também; eles em si estão ali a todo momento, porém eles se tornam invisíveis perante a sociedade. Então a gente procura estar fazendo um apanhado geral disso mesmo, da questão do reconhecimento, do empoderamento.

### **Como vocês atuam junto com a formação da criança? Qual o papel complementar, adicional?**

Quando a gente iniciou o trabalho com a criança, a gente viu muito a questão da resistência familiar, por mesmo falta de conhecimento, de informação. Só que não adiantava trabalhar com a família diretamente naquele momento. Então a gente começou a trabalhar com a criança e aquela criança vai levando aquilo ali para a família e a partir daí a gente foi trazendo a família para a gente. A gente faz roda com as famílias, nas reuniões dos pais a gente sempre procura fazer uma roda com grupos para falar não só o que eles estão passando como também falar como a gente pode ajudar naquela dificuldade. Na questão da violação de direitos, enfim. Tem crianças que muitas vezes os pais nem sabem de questões, como doenças, o que fazer. Então assim é muito importante que o pai e a criança saiba. Tem pais que tem o conhecimento mas não sabem como transmitir tanto um pai da comunidade parece que aquilo é proibido na prevenção de doenças, doenças como e o que fazer e isso aqui é muito importante pais e crianças mas a criança é o intermediário direto com a família.

### **Qual o papel da Casa?**

Eu posso dizer pra você que o papel principal da gente é o empoderamento da criança como cidadão mesmo, podendo trazer um meio que aquela criança possa desenvolver os seus saberes através do seus próprios conhecimentos. Não é uma imposição, transmissão de conteúdos, e sim a gente quer trabalhar como mediador e a troca de saberes. Por que a troca de saberes? Porque eu falei que quando eu trabalhava na escola formal, eu tinha aquele saber formal ali, pronto e acabou. Quando a gente começa a trabalhar dentro de um projeto social, enfim, a gente começa a perceber que não só a criança aprende com a gente mas como a gente também aprende muito com a criança. E como trabalhar aquela questão, tem coisas que trazem pra gente e eu não sabia aquilo. E a gente também mostra pra criança que a gente não é sabedor de todas as coisas, então a gente pode pegar aquele conhecimento e colocar ele na prática, pesquisar junto. Eu não sabia daquilo, quem sabe? A gente trabalha muito na questão da troca de saberes. Porque, como falei, independente da nossa formação acadêmica, a nossa vivência é totalmente diferente e a vivência comunitária é mais importante e trazer aquele saber para dentro da sala de aula, eu consigo desenvolver aquele saber acadêmico

### **Como a criança chega aqui na instituição?**

A gente faz parceria com as escolas das redondezas, o professor, diretor indica. Muitas crianças através de parentes, do boca a boca mesmo, geralmente assim tem irmão.

### **E quando ele sai?**



Esse é um problema muito sério. Porque a gente trabalha com crianças até 16 anos. Mas e quando ele sai? A gente começa a desenvolver um trabalho com ele lá pequenininho com 10 anos e quando chega aos 16, o que a gente faz? E aí, o que vai acontecer aí fora? A gente procura fazer parcerias com outros projetos. Praquela criança que vai sair não fique a Deus dará, que ela tenha um acompanhamento, que continue.

**Você conhece alguma história/caso em que você presenciou alguma contribuição, algum caso de sucesso?**

Tem muitas mas tem uma criança aqui que quando ela chegou aqui que quando ela iniciou com a gente o professor da educação formal disse que ela não ia aprender e como te falei eu nunca acreditei naquilo do não sabe. Cada um tem o seu tempo e a gente vai trabalhar aquilo não na mesma proporção do outro, se ela tem uma dificuldade vai ser diferenciado e ela teve o acompanhamento de psicopedagogo, de psicólogo. E realmente ela não sabia ler nem escrever e hoje em dia ela já lê. Por mais difícil que seja o trabalho, a gente vê que existe um resultado.

**Entrevista 2**

As oficinas são: basquete, MMA, capoeira, street soccer, skate, vão entrar outras porque é um processo, tinha mais agora vai retornar outras, de grafite, de artesanato e dentro desse contexto nós vamos inserindo a parte educacional porque a gente não obriga o aluno a estar estudando não. A maioria dos projetos o aluno tem que estar matriculado regularmente e o nosso processo aqui não é diferente. Mesmo que ele não esteja estudando. Menor de 18 anos tem que trazer a declaração escolar e surge aquele: “ah, não tô estudando”. “Por quê?”. Aí dentro desse contexto a gente vai trabalhando com ele pra inserir, pra ele voltar a escola, porque vai fazer falta pra ele, mais um tempo ele vai procurar, “ah, mas tô fazendo basquete, eu só preciso jogar”. “Não, você precisa, vai pro NBA te chama”. Ele precisa pensar alto, pra ter um incentivo, pra voltar a estudar. Mas a maioria nossa aqui que tá em idade escolar está estudando.

**Esse trabalho de acompanhamento quem tem é você?**

Sou eu.

**E além da oficina que ele participa, ele tem uma orientação?**

Tem uma orientação e a gente trabalha assim: a gente faz mensalmente reuniões, uma roda de conversa, abordando outros temas. Por exemplo, a gente vai começar agora com sustentabilidade e energia ligada ao esporte. O que eu posso fazer, água que tá escassa, tá acabando, não tá, tem, é verdade, é mentira. O que eu posso fazer para melhorar, e nós vamos aproveitar o momento. No caso no basquete eu aproveito o contingente que é bastante para as

questões das doenças sexualmente transmissíveis, da questão de prevenir para não ter uma gravidez precoce, pra não ser pai precocemente, não só o menino porque é uma coisa machista, não é só a menina que precisa se prevenir. O homem também evita a gravidez. Ele tá tão grávido quanto a mulher.

**Os participantes são a maioria rapazes?**

É, mas tem um número grande de meninas. Mas a maioria é rapazes. E o bom é que eles jogam juntos. É de igual. É menina e menino todo mundo junto.

**Eu queria saber mais focado em você: antes de trabalhar aqui você já tinha trabalhado em alguma instituição como educadora?**

Sim, eu sempre trabalhei em ONG. Dei aula em paralelo, eu sou professora. Mas eu sempre trabalhei em ONG. Eu trabalhei na Casa de Acolhida, que é da MITRA da Arquidiocese do Rio de Janeiro que eles têm um trabalho com meninos de rua, da pastoral do menor, trabalhei um bom tempo. Eu sempre trabalhei em ONGs e a minha formação educacional foi pra isso. Eu até gosto de sala de aula, eu gosto de educação de jovens e adultos. A gente acaba tendo preferências, não adianta.

**Você é formada em que?**

Economia Doméstica na Rural e Pedagogia na Geremário Dantas. Economia Doméstica é um nome estranho mas eu vi no guia do estudante e fui lá na Universidade saber o que era. Aí eu me apaixonei pela Rural. Uma vez ruralina, sempre ruralina. Até hoje, aí depois que eu fiz Pedagogia que embora eu já fosse professora, estava difícil de inserir. Eu sempre pensei que a educação estava no contexto social, não daquela forma tradicional dentro da sala de aula. Porque você fica muito restrita, você tem só 4h. Eu sempre procurei estar dentro de ONGs por isso, você tem um trabalho maior, uma abrangência maior trabalhando a educação com o social.

**Há quanto tempo você trabalha na educação na área de projetos?**

Deixa eu ver... Meu pai me emancipou com 17, então está com 23 que eu trabalho na área.

E você chegou a fazer algum curso complementar? Eu fiz pós em Educação de Jovens e Adultos e Gestão.

**Como você acabou vindo trabalhar na área, você chegou a trabalhar em sala de aula, mas mudou?**

Não eu até gosto da sala de aula, eu sinto até falta. Eu gosto dos extremos, eu gosto da educação infantil, porque a criança a mãe tá levando lá e tudo é novo pra ele, é descoberta. É muito importante aquele processo ali. Porque quando chega na faculdade ele tá pronto porque o letramento, a alfabetização é muito difícil. Eu não me considero uma expert, eu gosto desse processo de descobrimento da criança na educação infantil e do outro extremo da educação de

jovens e adultos, que a pessoa vai porque quer, porque ela não teve oportunidade, porque ela teve que ajudar a família, porque ela teve que parar de estudar e no contexto hoje em dia a de educação você pode trabalhar com a realidade dela, com o contexto principalmente em comunidade. Eu sempre procurei trabalhar em comunidade.

### **Por quê? Quais as suas motivações?**

Primeiro o desafio. Eles estão sempre a margem da sociedade porque quem está de fora e olha pra favela, eles olham e “ali só tem gente que não presta”, a gente tem que entender que num universo de 100 pessoas, 3% vão ter médicos que não prestam, que se vendem, vão ter advogados, vão ter professor que é professor não sei porque, só para ter um diploma pra mostrar pra família, faz um concurso público, ah pelo menos eu tenho a minha aposentadoria garantida, mas não faz um bom trabalho. Então eles estão sempre à margem. Quando eu comecei a sensação que eu tinha das pessoas olhando pra favela era como se as pessoas estivessem na quinta da boa vista olhando para um zoológico. Todo mundo tinha que estar numa grade e eles estavam olhando aquela coisa distante. Eu particularmente acho que o turismo que o pessoal faz na favela eu não gosto. Parece aquilo, ah todo mundo é aquilo. Tem as vantagens, de repente ela consegue se estabilizar tanto. A pesquisa do Celso mostra isso, ela consegue se estabilizar na favela, ela consegue fazer a casinha dela mas se ela precisar vir prá cá, o dito “asfalto”, como que ela vai comprar? Onde ela vai comprar um terreno? Como ela vai fazer uma casa? Ela compra um apartamento desses que é 50m<sup>2</sup>, pé direito e esquerdo. E dentro da própria favela a gente tem, eu diria assim a zona sul e zona norte. Essa relação de poder aquisitivo também tem e excluindo essa relação de tráfico, ladrão pra lá, a gente tem provas contundentes de que... há 5 anos atrás o Pedro xx morreu. O menino era filho de policial, de boa família, morava na zona sul. A aventura dele era roubar, então isso que me motivou a sempre estar dentro da comunidade, a trabalhar dentro da comunidade. As pessoas são excluídas, quando eu trabalhei no abrigo as pessoas eram ainda mais porque eram crianças moradoras de rua, sem pai nem mãe, ou quando tinha foi abandonado ou o juiz tirou por causa de alcoolismo, por causa de drogas, dependência química. Aí eu fazia passeio com eles, tinha um caso no shopping. Isso na época eu não era casada, não tinha filhos e levava a minha sobrinha junto. E ela rolava no chão, brincava com eles, não tava nem aí. Realmente os meninos usavam cola quando estavam na rua mas estavam ali para serem inseridos, aí eu já tive muita briga na rua. Porque íamos de carro e quando chegávamos olhavam torto. Por que aquela criança não tinha direito a ir no cinema? A gente ligava, fazia parceira. Severiano Ribeiro era um grande parceiro. Todo lançamento infantil, ele mandava pra gente. E a gerência do McDonald's dava o lanche. Um passei comum que seu filho, sobrinho pode fazer, por que eles não podem? Mas as pessoas olhavam torto. Aí

chegava o carro da instituição e isso incomoda. Eles não querem ver, é igual lixo. Todo mundo produz lixo aí passa na televisão “oh, jardim gramacho com lixo”. O lixo que você produziu, ele vai pra algum lugar, somos nós, tem que interagir na sociedade. Não é porque mora na favela ou no asfalto que não vai ter uma boa educação, um boa assistência.

### **Aqui você trabalha há quanto tempo?**

1 ano e 8 meses.

### **E como você acabou vindo trabalhar aqui?**

Aqui é engraçado. Eu estava trabalhando. E aí eu tava conversando com a Nega Gizza, que o meu ex marido gostava muito de hip hop, aí eu conheci o pessoal do movimento rap e tinha ela no falecido Orkut, depois migrou pro face, aí a gente começou a começar sobre filho, o movimento que tinha ali de rima no Madureira Shopping. Ela me perguntou alguma coisa, eu respondi, aí eu perguntei pra ela no inbox: “Gizza, eu sou Pedagoga, e tô em sala de aula, mas eu queria outros horizontes, descansar a cabeça.” Aí ela: “Ah, Luciana, a CUFA já tem pedagoga mas vou te dar esse e-mail da pessoa que é responsável por esse setor”. Passou, mas eu estava com o mesmo celular. Aí a Priscila de implementação de projetos, também estava na CUFA há muito tempo, aí ela me ligou, me entrevistou, e ela mesmo perguntou “como veio parar aqui porque a gente não bota”, aí eu expliquei, e ela “sério. Você mandou o currículo e veio direto pra mim”. E eu tinha cursos sempre ligado ao movimento, associando o social com a educação. A maioria do pessoal de Pedagogia fica preso a escolas. Eu não vou ter dificuldades aqui pra dar pitaco. Eu encontrei com os instrutores que alguns não são da área de educação. A capoeira não tem, basquete tem, é professor de educação física, aí a gente conversa melhor porque ele sabe os trâmites. Aí eu tive que adaptar isso para a nossa realidade aqui, mas é bom. Enquanto está em obra, a base do Alemão está fechada, mas lá eu já tinha contato com todas as escolas dos alunos, a diretora dava essa abertura e gostava dessa parceria, que é o que eu tô fazendo aqui em Madureira e já estou conseguindo, que é o que a gente precisa, é bom pra saúde e tem essas questões sociais. Eles têm que estar envolvidos com alguma coisa, junto com as coordenadoras sociais, que duas são novas, são da casa já, mas agora que a gente fechou o quadro social. É o que a gente tá tentando, pegar esses alunos e tentar colocar esse tema. Ele vai ficar abitolado? Ele só vem aqui, faz a capoeira e vai embora? Tem um evento, ele vem. A gente faz a palestra sobre isso. É que eles são muito envergonhados. Quando a gente fala em palestra que camisinha tem dois tamanhos, a de adolescente e de adulto. Aí eles fingem que sabem, mas não sabem. E eles fiquem tateando porque o ministério da saúde tem essa parceria com a gente. Eles mandam. E eles ficam tateando, aí eu sempre brinco “mas você é mais cara de pau”, falo com ele. “O que você tá medindo, aí menino?” Então tá, leva uma de cada pra

you testas e depois you pega direitinho. “N3o, tia, n3o t3o vendo n3o”. E depois esconde. Eles bancam os espertos, mas a maioria n3o sabe.

### **Quais s3o as principais atividades que you realiza aqui e a sua rotina de trabalho?**

Dentro da minha 3rea espec3fica, de estar implementando e de fazer um cont3udo program3tico, eu j3 consigo introduzir. A gente precisa saber o que est3 fazendo para passar para esses alunos, eles precisam ter refer3ncias. Por que que eu t3o fazendo capoeira? O que a capoeira faz? Qual a hist3ria da capoeira? Qual a hist3ria do basquete? Do basquete 3x3. A gente t3 desde o in3cio, 3 dif3cil quando chega o novo, reluta, e n3o est3 acostumado. Eu sento com os professores, com os instrutores, vamos l3, vamos fazer assim, ent3o essa quest3o de ter um cont3udo program3tico e aulas que os alunos, crianas, adultos entendam o porqu3 daquilo, entendam a cultura da CUFA, no caso o basquete, como o basquete chegou aqui, por causa do “Tusca” que est3 acontecendo de novo. “ah, como assim? 3 o baquete 3x3, colocaram uma cesta de lixo e comearam a jogar. A import3ncia de saber da hist3ria e refer3ncia, pra valorizar. Aqui em Madureira 3 um bairro residencial e comercial, mas em outras bases da CUFA 3 dentro da comunidade. Ent3o eu trabalho essa quest3o da valoriza3o da raiz, a quest3o do negro tamb3m. Porque que nem eles falam que eu sou da “cota do branco”, eles brincam, mas por que essa valoriza3o? Precisam fortalecer, a crianca e at3 o adulto porque se ele encarar uma quest3o de preconceito racial e at3 social porque ele 3 da favela, ele tem postura pra responder, porque que estou aqui, porque fao, sou um sujeito hist3rico, estou aqui no mundo para fazer a diferenca, eu tenho a minha hist3ria, a minha raiz. Quando a gente faz passeios culturais eu procuro levar pra coisas diferentes mesmo, pro MAM, vai l3 no jardim bot3nico. Eles conhecem tamb3m o espao em que est3o, you tem que transitar por outros espaos mas n3o pode se esquecer de onde you veio, pra you contar a sua hist3ria. Eles est3o trabalhando muito isso, dentro das oficinas, entenderem o que 3 a oficina: “mas quem inventou isso foi um negro?” “Foi. Sabe por que you bebe 3gua gelada?” “porque foi um negro que inventou”. “3 mesmo. Procura l3 na internet. O pente tamb3m. Que pente? O pente de pentear cabelo”. You tem argumentos, n3s temos negros que foram importantes, podem n3o ser famosos, mas tem uma grande import3ncia. Ent3o trabalhar nas oficinas, no meu caso, eu vou trabalhando isso com os professores, instrutores, para eles estarem fortalecendo isso dentro, e estar criando neles a autoestima e n3o aquele neg3cio “you 3 branco e est3 roubando o meu espao”. N3o. N3o est3 roubando o seu espao. You tem que se impor. Ela vai roupar o seu espao se you n3o se impor.

### **Atualmente s3o quantas bases?**

Duas. Na Cidade de Deus e aqui em Madureira. A do Alem3o t3 em obra.

### **You fica aqui?**

Aqui, mas quando abre as bases eu falo que eu sou andarilha porque tem coisa em todo lugar pra você delegar.

(...) Eu faço a matrícula, formo as turmas, faço a distribuição de horários porque a CUFA tem muitos eventos, tem muita coisa acontecendo, sempre procurando inserir os alunos nesse contexto. Outro dia teve uma mãe que queria que o filho do basquete, entrasse no hip hop, mas ele não queria e eu falei “mãe, não força. Ele não gosta, ele gosta de basquete, não quer dizer que ele gosta do hip hop ou basquete”.

### **As oficinas são quantas vezes na semana?**

Duas vezes.

### **E ele também vem em outras atividades?**

Se ele tiver disponibilidade e horário, sim. (...) as turmas são distribuídas por tamanhos e horários.

### **Quais são os principais conhecimentos e saberes que você utiliza na sua atuação?**

Sem ser acadêmico? Mais aquela coisa empírica do dia a dia. Aqui a gente é aula de Paulo Freire e Anísio Teixeira o tempo inteiro. Também o José Pacheco, da escola da Ponte. Quando ele está aqui eu sempre vou atrás deles. Os conhecimentos e dinâmicas deles tem a ver com o trabalho. Anísio Teixeira, precursor da escola integral, e a gente tenta fazer com que o aluno saia ali daquele mundo da escola, do formal.

(...) a gente trabalha com o dia a dia, com a realidade de mundo e vai estar sempre relacionado ao nosso dia a dia, o local e essas questões, diferenças sociais, bullying, porque a pessoa mora na favela e juntando sempre com parte acadêmica.

### **Acadêmicos são esses?**

Sim e tem outros também, alguma coisa de Emília Ferreiro. Falando da antropologia, sociologia, Darcy Ribeiro e Gilberto Freire. De vez em quando me dá umas maluquices e até eu mostro pras crianças. “Gente isso aqui é uma obra de arte”, estávamos dentro da sala de leitura e eles “o quê?”, “Casa Grande Senzala”, “cruzes tia, você lê um livro desse tamanho”. “Eu acho que vou mandar vocês lerem”. (...)

### **O que você acha que é importante pro educador saber? Quais conhecimentos são importantes para ele trabalhar num projeto, numa ONG?**

Dentro dessa área, a primeira coisa que ele tem que entender é que favela não é sinônimo de marginal. Que a maioria das pessoas são trabalhadoras, são honestas, tem as mesmas dificuldades que a gente, pode ter. E porque ele olha pra favela com aquele olhar “esse emaranhado de gente, de carro, ninguém paga água, ninguém paga luz, ninguém paga isso ou aquilo”. “Não é assim”. Então você tem que tirar a capa, a armadura que fica te embarreirando.

Então você deve chegar na pessoa não com pena, você não pode mostrar pena pra pessoa, você tem que valorizar ela, incentivá-la, “você pode”. E eu acho que hoje em dia tem muitas oportunidades oferecidas pelo governo, por ONGS, que as pessoas têm que abraçar. “Ah, eu sou favelado mesmo (...), sou favelado porque eu moro na favela” e eu trabalho com as crianças isso também. “O que que é favela? De onde vem o termo favela? Favela é uma planta, uma flor. Por que que é favela? Porque os soldados ficaram com dívidas e como forma de pagamentos (...) é uma história longa, mas a gente procura contar isso pra eles. Desprover de pré-conceitos, racial, social, biológico. Desprovida de qualquer preconceito. Religiosos. Hoje a maioria da favela são evangélicos.

(...)

### **Entrevista 3**

#### **Atualmente você trabalha aonde?**

Estou trabalhando no Tear, com mediação de leitura, e faço outras coisas por fora faço feira da gloria, artesanato, brechó, vendo chocolate

#### **E no Tear? Você já trabalhou em outros projetos antes como educadora?**

Não. Na agência não deixa de ser. não era o nome que eu não recebia

#### **Qual era o nome?**

Ativadora de redes

#### **É mais não deixa de ser uma espécie de educação também né?**

É, eu fazia um acompanhamento. É que lá tinha isso de evitar reproduzir aquela coisa que você tem o conhecimento e que você vai lá ensinar alguém que é carente de conhecimento.

Tentar ver naquele jovem que é sempre visto como carência, jovem de favela e tal, ver neles as potências que eles tinham. Então, a ideia é muito mais instigá-los a perceberem as potências deles, colocar isso pra fora, que algumas vezes eles mesmos não sabiam que tinham. Alguns até sabem. Eu trabalhei na Rocinha e lá tinham muitos jovens conscientes da sua potencialidade, seus talentos. Mas em algumas outras comunidades isso era mais difícil. Então as vezes ficava focado em instigar isso pra fora. Em provocar eles. Aí é claro, tem alguma coisa de conteúdo sim, mas mais orientando eles em como fazer um projeto, como fazer uma pesquisa. Alguns deles não tinham prática em fazer pesquisa.

#### **Há quanto tempo você trabalha na área?**

Entre 4 a 5 anos.

#### **Você terminou algum curso superior?**

Não. Eu fazia artes na UFRJ mas abandonei.

### **Você pretende fazer algum curso ou continuar esse?**

Eu estou bem dividida. Não sei. Às vezes eu penso em continuar esse, às vezes não. Se eu fosse pensar no meu ideal eu não voltaria pra academia, iria colhendo os meus saberes, esquematizando de forma própria que vou buscando em conversas, em seminários, em leitura que alguém me indicou que puxa outra leitura. Só que eu sinto que esse caminho é difícil, eu não sei se eu tenho tanta disciplina e determinação para isso. Então as vezes eu acho que um diploma poderia me ajudar a abrir portas, mas não que eu ache que preciso dele.

As vezes ele facilita essa entrada em alguns lugares. Se você tem um diploma é muito mais fácil.

Formação de contação de história eu alio a vida. Eu descobri isso e junta muito as coisas que eu gosto.

(...)

## **Entrevista 4**

### **Idade?**

42

### **Onde você trabalha atualmente?**

Com consultoria e na ONG Bem TV

### **Na Bem TV**

### **Eu sou da gestão**

### **Você já trabalhou em outros projetos?**

Já. No próprio CEDAPS, na Fase. No CEDAPS: rede de adolescente, Eu coordenava mas fui educador.

### **Há quanto tempo você trabalha na área?**

14 anos

### **Você fez curso superior?**

História na UERJ.

### **Curso complementar em projetos?**

Em projetos não.

### **E sobre a sua trajetória profissional, como e por quê você veio trabalhar na área de educação em projetos?**

Foi por acaso. Eu comecei a fazer uma faculdade na UERJ de contabilidade, muito forçado por causa do meu pai, na época ele falava que dava dinheiro. Aí no meu do processo “não é nada



daquilo que eu quero”. Aí abriu uma vaga para educador num projeto Viva Rio, que era o programa de aumento a escolaridade que era de jovens e adultos, que era para ser educador das tele-salas. Eu me inscrevi e passei. Então eu dava aula de todas as disciplinas, não precisava ser formando. Eu tinha acabado de sair da faculdade e quando eu fui pra sala “que coisa boa, é isso que eu quero fazer”. Fiz o curso de história, que eu sempre gostei também e as coisas começaram, do Viva Rio, começou a aparecer coisas, CEDAPs, uma série de coisas e esse envolvimento, a discussão de juventude mas inicialmente começou muito por acaso, não porque eu tinha esse interesse e aí eu gosto muito. Então assim, de sete anos prá cá, eu venho coordenando os projetos, mas eu não largo mão de tipo, na primeira semana eu fazer o trabalho, um determinado tema que eu gosto muito, eu fazer o processo, fazer essa figura do educador. Primeiro porque é isso que dá o tom para eu ficar na coordenação e tocar os processos.

Criação de audiovisual e aplicação de aplicativos

Eu dividi a aula com ela de juventude e território. Porque o termômetro para coordenar é ali.

E eu não

### **Quais são as suas motivações?**

Primeiro a potência da galera, mesmo. A juventude é sempre aberta a qualquer discussão diferente de qualquer outro público, e aí eu já tive experiências com lideranças ou seja, eu gosto muito de trabalhar com as juventudes porque você consegue estabelecer um diálogo bacana, fraternal. Os espaços menos hierarquizados de debate são com jovens. Eles são bem acolhedores dentro do processo. E porque eu acredito na formação mesmo, porque eu tenho como princípio em qualquer coisa que eu faço na vida a educação popular, então é isso que me move. Por mais que eu esteja na coordenação em ONGs, eu não desvinculo dos projetos sociais. Já fui de coordenação pedagógica junto com o MST. Eu estou sempre nesse processo de formação porque eu acho importante. Não com o discurso que vai ser a educação que vai salvar, mas eu acho que é um espaço importante o do educador nessa relação, com o diálogo na construção do conhecimento.

### **Nos projetos em que você está atualmente você está há quanto tempo?**

Atualmente há 2 meses na BemTV. Na consultoria estou fazendo há mais de 5 anos, de maneira formal há 5 anos.

### **Como você chegou a BemTV?**

Nessa experiência de discussão da juventude.

Quais são as principais atividades?

De novo, de um tempo prá cá eu venho fazendo muita coisa pra juventude de elaboração e gestão de projetos. Na BemTV eu ajudo a pensar, já tinha acontecendo no CEDAPs em pensar os projetos. Venho trabalhando com os jovens

Elaborar vai mt bem mas na gestão empaca

E a formação, planejamentos com a equipe. Processo pedagógico.

(...)

Esse olhar desse acompanhamento na BemTV eu tô tentando, processo de formação

### **Quais os principais conhecimentos/saberes do seu dia a dia de trabalho?**

É o princípio da educação popular. Outra coisa é trabalhar sempre com técnicas participativas, isso não dá pra não ser assim. Uma outra noção que eu acho muito importante é trabalhar, e aí todos os projetos que estou coordenando com grupo de educadores e tudo mais, é a noção de território. Discutir a questão de pertencimento de território porque acho que isso facilita esses processos porque quando a gente trabalha esse processo do território a gente permite, vem logo inicialmente os desafios mas dá pra trabalhar a perspectiva das potências, das coisas positivas. Ontem mesmo a gente fez esse exercício com a XXX de mapear isso. Trabalhando a questão de pertencimento do território, essas noções de território, pertencimento e identidade, isso é fundamental pro educador. Não dá pra dar essa formação pra cada um, mas tem que se pensar nessas múltiplas identidades dentro do projeto. Ontem mesmo eu vi que tem um menino que parte do grupo está fazendo gozação da cara dele porque ele é homossexual, então precisa trabalhar com os educadores como isso vai ser trabalhado.

(...)

## **Entrevista 5**

### **Quantos anos você tem?**

Tenho 54

### **Atualmente você trabalha no Caminho Melhor Jovem?**

Só no caminho melhor jovem

### **Você já trabalhou em outras instituições como educadora em projetos?**

Já trabalhei como estagiária um ano e meio na secretaria de educação do município.

### **Mas foi na educação formal?**

Formal

### **E na educação informal? Em projetos?**

Não, só formal.

### **Você se formou recentemente?**

Formei em pedagogia em 2013

**Quanto tempo você trabalha na área?**

Não, eu trabalhava em RH, trabalhei em RH mais de quase 30 anos em RH, eu fui para da área educação depois que eu fiz pedagogia. Entendeu porque eu sou formada também na área de recursos humano e pós graduada em RH.

**Não é na área de educação?**

Não; quer dizer a pedagogia ela indiretamente o RH indiretamente ela influi a pedagogia por causa dos treinamentos que são dados nas empresas.

**O seu tempo de experiência nessa área?**

Agora tem 10 meses que eu estou nesse projeto.

**Então você se formou em pedagogia?**

Primeiro em tecnólogo em recursos humanos, porque eu já estava trabalhando na área de recursos humanos depois eu fui para a área de pedagogia porque eu gostava da área educacional também.

**E você se formou aonde em Pedagogia?**

Na faculdade Sinos, lá em Padre Miguel

**Como e porque você veio trabalhar nessa área?**

Pela minha experiência em RH eu sempre procurei alguma coisa em recursos humanos... o que aconteceu como eu vim parar no projeto. Eu fiz um trabalho como administradora da nave do conhecimento, eu trabalhei em Irajá, Padre Miguel, e na nave de santa cruz, nas três naves! Então assim a nave do conhecimento ela é um espaço onde ela dá o acesso à internet para as pessoas que não tem condições de pagar uma *lan house*; e lá dentro da nave nos recebíamos muitos jovens, porque lá cursos para informática, curso de inglês...e existem as monitoras pedagógicas. Só que lá eu não era uma monitora pedagógica eu administrava a nave. Então lá eu conheci na nave de Irajá, eu conheci uma pessoa que ela trabalha com o assessor da Rosa Fernandes.... Como ele era coordenador ele gostou muito do trabalho que eu fiz lá, ele me chamou para trabalhar, ele veio com esse projeto e me trouxe para esse projeto. Entendeu? E esse projeto é um outro caminho que eu tenho de aprendizado porque eu tô aprendendo muito, agregando muitos valores, porque a gente sempre agrega né? E trabalhar com esses jovens, buscar dele, o que ele pretende traçar a vida dele a trajetória é uma coisa legal. Porque no RH quando eu comecei no RH eu comecei em recrutamento seleção, toda pessoa de RH quando começa se não vai para uma área de departamento pessoal ela vai para a área de recrutamento seleção, de orientação. Então tem a ver também com o trabalho que eu estou fazendo, a minha experiência em RH também tem haver porque acaba um linkando, alinhando, pq eu preciso que

esse jovem se redescubra o que ele quer da vida dele... como será que ele dá pra isso, será que ele tem esse perfil? E não simplesmente arrumar um emprego porque eu preciso ajuda minha família. Fazer alguma coisa que eu goste de fazer que eu tenha motivação. Então no fim deu praticamente que a mesma coisa, linkou né?

### **E as suas motivações para trabalhar nessa área?**

Eu gosto de dar a parte da educação. Eu acho que você desperta o jovem, os valores que ele tem, ele pode chegar além construir sua carreira, trajetória...não importando que ele seja pobre que ele tenha uma deficiência, como eu já trabalhei com crianças deficientes. Então isso é muito bom quando você vê ele se redescobrando, traçando a trajetória dele. E isso é muito legal!

### **Quais são as principais atividades que você realiza hoje no seu trabalho atual? Sua rotina?**

Minha rotina é mais atendimento estar encaminhado esses jovens para as empresas. Quando eu atendo jovens eu faço ele perceber que eu não estou fazendo nada para a vida dele... Eu estou encaminhando ele mas para ele passar para o processo seletivo vai depender dele também, o emprego não é uma garantia, o encaminhamento que eu estou dando a ele não é uma garantia, quem vai garantir ele é ele próprio no desenvolvimento dele no processo de seleção. Então tudo vai depender dele, então é essa orientação que eu dou pra ele. Então o trabalho do conselheiro é de realmente orientar esse jovem. Então o meu trabalho do dia a dia é atender esse jovem, é orientar realmente.

### **Você atende quantos jovens?**

- Depende. Quando tem muitos depende as vezes é 5...10 jovens por dia. Depende...porque tem dias que da 6,7 essa média...tem dias que agenda tá lotada o dia todo de meia em meia hora. Depende muito entendeu?

### **Para essa atuação, ser conselheira, para atuar junto com os jovens; quais são os principais conhecimentos e saberes que você traz para sua prática?**

Eu trago o meu amor né, pq eu acho que é o primeiro lugar pelo aquilo que eu faço, eu trago a minha disponibilidade para esse jovem, para a pessoa. Primeiro tem que gostar de pessoas, se não gostar não adianta. Eu tenho que ter amor pelo próximo. Eu acho que em primeiro lugar é amor ao próximo. Pode vim quem for eu tenho que anteder a mesma maneira como igualdade então primeiro o meu olhar para ele como gente como pessoa. E depois eu tenho que gostar de tá atendendo e não achar que está ruim só atender, atender...

Eu vou atender o jovem, mas são diversos jovens, com diversas características...é um aprendizado do dia dia. Você aprende a lidar com diversas pessoas, diversos tipos...tem pessoas boas, tem pessoas que não são, tem pessoas vulneráveis, pessoas que não são vulneráveis, tem pessoas com boas famílias tem pessoas abandonadas. Pq tem muitos jovens que não tem pais e

mães e tem muito jovens que tem pai e mãe...mas são jovens que não moram com pai e nem com mãe e eles precisam se virar eles precisam buscar a referência deles para traçar um bom pai.  
(...)

**Porque os projetos auxiliam os jovens a atingir o objetivo dele?**

-Não, tem outros projetos que tem uns outros caminhos, outros focos. O nosso aqui é mais .... o nosso foco é orientação só que a gente acaba pegando isso como se fosse pra gente. É que eu pego o jovem como se fosse um filho meu, como se fosse meu! Assim quando eu pegava um aluno, quando eu ia atender um aluno, como se ele fosse parte da minha família, entendeu? Por isso que eu falo que tem que ter um olhar com ele um olhar de ser humano. Então você acaba se envolvendo, tentado querer ajudar a pessoa a conquistar seu espaço. Então é muito gratificante no projeto assim como eu como as outras meninas, como as outras colegas de trabalho, quando a gente consegue fazer com que ele queira atingir o objetivo dele.  
(...)

**Entrevista 6**

**Quantos anos você tem?**

29

**Você trabalha em alguma outra instituição além do CMJ?**

Só.

**Em que outros projetos você já trabalhou?**

Galpão Aplauso Rio, Comitê para a Democratização da Informática (CDI)

**Há quanto tempo você trabalha na área?**

6 anos.

**Que curso você fez?**

Serviço Social na UFF.

Quais são as suas motivações pra trabalhar com projetos?

Quando saiu o edital do CMJ eu trabalhava na gestão. E eu senti a necessidade de voltar para a ponta até pra sentir como estava o meu trabalho depois dessa experiência. E eu acreditei no Programa. Os meus olhos brilharam com a possibilidade de trabalhar efetivamente com a política pública de qualidade.

**Que autores você se baseia?**

Eu gosto muito de Paulo Freire, ele não fica preso somente ao saber formal dentro da escola. Todas as premissas dele têm um norte nesse trabalho. Gosto do Boff também porque ele tem um olhar para além da sala de aula, da educação escolar.

### **Por que você veio trabalhar na área?**

Eu acho que o que vem me mobilizando nesses anos todos são esses encontros, um desejo muito grande que todos tenham essa possibilidade, essa coisa do social vem de casa.

### **Quais as principais atividades que você realiza aqui?**

Desde o ano passado o programa começou com a metodologia dos GPS. No primeiro semestre trabalhamos com o jovem aqui e no 2º semestre nas escolas. O meu trabalho era em grupo de formar toda a metodologias, criar as dinâmicas e temáticas. Tiveram 9 encontros, tipo 2 meses. Trabalho em grupo e também o atendimento individual baseado na escuta profissional e paralelamente a isso a procura de parceiras.

## **Entrevista 7**

### **Quantos anos você tem?**

43

### **Atualmente onde você trabalha?**

No MAR eu estou como educadora residente, que é uma coisa nova, está começando via Universidade das Quebradas. No ano passado tiveram algumas formações sobre a questão do museu e curadoria e como é aquele museu, e aí tanto as Quebradas como as instituições criaram esse lugar, fizeram esse convite, porque eu sempre tive muito desejo de trabalhar com curadoria. Apesar de eu não ser formada em artes, mas ser uma curadora em artes na educação. Quando a gente trabalha com arte educação a gente tem muitas curadorias para apresentar aos seus alunos e aí num encontro que tivemos lá o Paulo me fez esse convite, então é uma coisa que está começando, eu não sei, no final eles querem que eu faça alguma intervenção ou artística ou arte-educativa mas que eu deixe alguma coisa pro MAR, é uma troca. É muito legal porque é um lugar de formação mas também é um lugar de troca porque eu tenho uma bagagem que eles querem que eu leve pro MAR. Agora aqui no Tear eu coordeno dois projetos, eu não estou dando aula, infelizmente. Eu fico num dilema em continuar educadora e o lugar da coordenação porque eu adoro estar com as crianças mas realmente eu acumulei nestes anos todos que eu estou aqui, 22 anos trabalhando com arte-educação em projetos sociais, aí você tem um acumulo que é legal multiplicar. Aí eu me vejo nesse lugar de coordenação como multiplicadora não só de organizar do projeto mas para multiplicar um saber construído aqui no Tear. Aqui no Tear é um saber muito específico, a gente tem uma metodologia própria, uma forma, uma formação permanente, uma forma de fazer arte-educação e uma formação permanente, então as que estão a mais tempo hoje todas são coordenadoras para formar os que estão chegando. E estou na Universidade das Quebradas como mestre quebradeira e lá eu tenho uma função um pouco de

organizar os programas e de ambientar os quebradeiras que chagam. Mas a gente tem tanto eu quando outros a gente tem uns horários de almoço em que fazemos um fórum aberto, porque a ideia da XXXX é que a gente tenha uma formação autônoma, então a gente meio que vai indicando o caminho de formação que a gente quer, está atrelado a ideia das Universidades Livres. Aqui no Brasil é uma coisa bem pequena, mas no Nordeste tem algumas, eu tenho pesquisado muito, e que cada aluno faz o seu programa, então a minha paixão nas Quebradas é isso. Aqui no Tear também tem essa coisa de autonomia e liberdade que eu gosto muito.

Você também este no Redes?

Sim, nas duas Redes. O Redes para a juventude, eu ajudei o XXXX a implementar o ciclo de estímulos. Eu fui coordenadora do primeiro ciclo de estímulos que é onde a gente pega as ideias dos jovens, na verdade eles não chegam com uma ideia, a gente estimula que ele tenha uma primeira ideia de projetos na sua comunidade, aí eu ajudei a implementar esse projeto, eu fiquei lá uns 3 anos, eu acho. Foi a primeira equipe desse projeto. Eu já fui do Redes [Redes de Desenvolvimento da Maré] eu fui primeira contadora de histórias depois eu me tornei coordenadora. O primeiro de tudo eu fui do Afro Reggae, era um barraquinho em Vigário Geral, hoje é essa dimensão toda, mas foi assim, a gente era muito jovem, queríamos transformar a sociedade e dávamos aula no barraco, na favela. Mas é ali que começa e eu já passei por muitas instituições. Hoje eu nem consigo... “Se essa rua fosse minha”, “Fé e Amor” mas tinha um nome antes. Eu passei por algumas, presto serviço pra algumas, faço serviço pro IBASE. E a gente acaba tendo muito contato porque a gente tem um lugar de consultoria em outros projetos, então a gente acaba tendo contato com muitas.

Você tem formação acadêmica?

Eu fiz Letras até o quinto período, na UFRJ, depois disso eu já tentei ingressar umas oito vezes na Universidade e saio, mas é coisa da vida mesmo.

Você já fez cursos complementares ligados a arte?

Sim. Hoje eu me sinto uma pessoa formada. Até conversando isso com a XXX, ela também considera, ela não acha que essa formação ela se dá só na academia, a academia é um lugar. Um lugar que eu me sinto muito formada em arte-educação é aqui no Tear mesmo. Na época que eu comecei a frequentar a gente tinha um cinco ou seis cursos na casa e eu fiz todas eles. Eu participei de um grupo do Teatro do Oprimido que eu acho que foi a minha formação em teatro. Eu passei sete anos convivendo com esse grupo depois eu passei a ser uma coringa do Boal. Eu fiquei dois anos trabalhando com a equipe dele de coringa, então a minha formação em teatro está mais atrelada a isso, as Quebradas que eu estou desde 2009 que é dentro da

Letras, que é meu caminho de volta para Letras. Na verdade eu venho retomando, a Helô fica me seduzindo a voltar pra Universidade mas só porque ela diz que precisa de herdeiros.

### **Como e por que você acabou vindo trabalhar com projetos, o que te motivou?**

Na verdade eu acho que eu comecei querendo ser atriz porque eu gostava muito de arte, eu fazia dança, teatro, no tempo de adolescente. Meus pais eram funcionários públicos e a gente tinha uma certa. Minha mãe professora e meu pai militar, então a gente não tinha muita grana, mas tinha uma grana certa. Então nós fomos muito estimulados. Meu irmão é professor de música, formado na Universidade e tal, e a gente tinha aula de música, eu fazia dança, eu fiz algumas vezes teatro também, tudo muito informal, não era escola. Mas isso deixou a gente com esse desejo. A minha mãe era professora, então a gente passava na escola o dia inteiro e acho que é por aí que vem a minha coisa com educação porque a minha mãe primeiro ela tinha duas matrículas então a gente ficava o dia inteiro e depois ela passou a ser diretora da escola e a gente vivia dentro da escola literalmente. Aí depois disso eu me lembro que eu namorava um rapaz que era músico e a tia dele morava num prédio e dizia “você tem uma pegada toda com criança, vamos criar uma colônia de férias aqui.” Aí eu “pô, vamo embora” e foi super maneira. Eu já lidava com o teatro do oprimido e eu usei muitas técnicas do Boal adaptando para fazer as brincadeira com as crianças e eu gostei disso, aí busquei o Tear, quando criança eu lembro que a minha mãe chegou com um vinil do “Olá” que a Denise mandou, que tinha gravado. E tinha um amigo meu, o Beto, que trabalhava aqui na casa, ele era meio aluno, virou profissional e aí em lembrei do Tear, então através dele eu vim fazer os cursos, aí fiz todos, aí quando eu acabei o primeiro AIEDUC a Denise me convidou para trabalhar na colônia de férias, quando acabou a colônia de férias ela me convidou para ficar, daí nunca mais saí, tenho 17 anos de Tear. Na verdade eu comecei a trabalhar no Tear, isso foi tudo meio junto, e tinha o Júnior do AfroReggae que era só o Júnior. Eu conheci eles na militância de universitários negros. Era tudo junto, no grupo universitários negros, no CTO, aí a gente tinha uns encontros desse grupo universitários negros na UERJ, aí eu conheci o Júnior, conheci o primo dele, umas outras pessoas. Tinha a minha prima que a gente tava fazendo tudo isso juntas aí eles nos convidaram para ir nuns encontros para falar do AfroReggae, que na verdade tudo começou com um jornal, na verdade verdadeira era um baile, que o Júnior fez, aí o baile foi proibido no Rio de Janeiro, num período. A gente já teve ditaduras sérias culturais e aí ele não podia mais fazer o baile aí começou a produzir esse jornal, aí a gente começou a conhecer, a fazer umas oficinas em Vigário Geral. Quando eu vi eu já estava fazendo as oficinas em Vigário Geral, não tinha estrutura nenhuma, mas ele conseguiu receber um dinheirinho em algum lugar e a gente recebia, tinha uma sala no centro do Rio, já tinha uma certa estrutura. Nas letras eu tive uns professores super importantes



para a minha reflexão. Uns eu convivi mais, apesar de não ter me formado. Lá eu conheci o Joel Rufino, a Fátima Miguez, Beatriz Resende, são umas pessoas que assim, muito importante na formação de ensino superior do país da gente e nessas áreas. Então eu acho que o que vem me mobilizando nesses anos todos são esses encontros, um desejo muito grande que todos tenham essa possibilidade, essa coisa do social vem de casa (...)